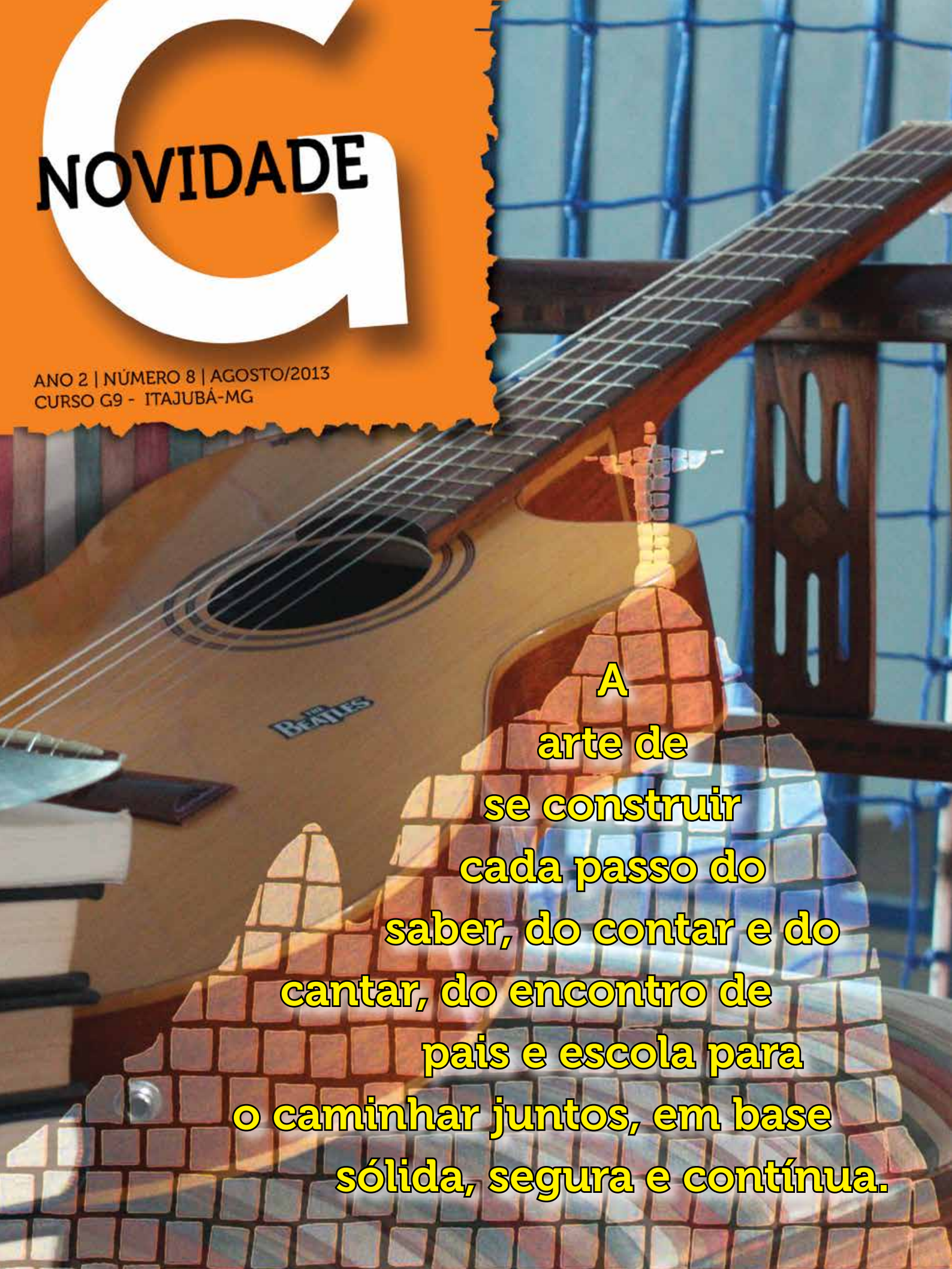


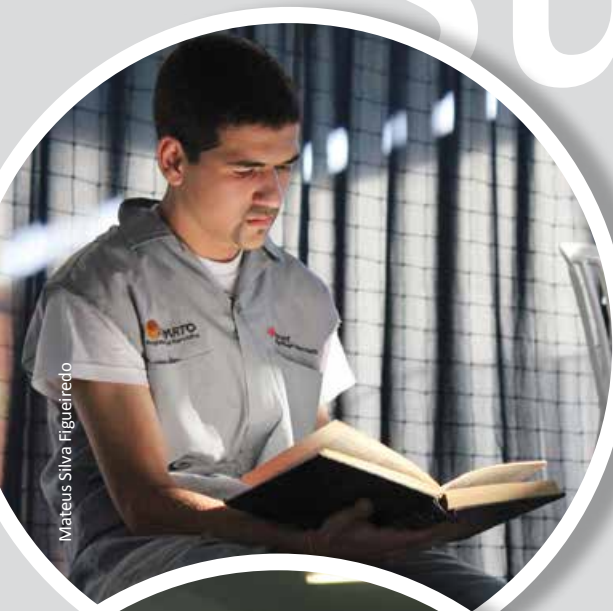
NOVIDADE

ANO 2 | NÚMERO 8 | AGOSTO/2013
CURSO G9 - ITAJUBÁ-MG

A close-up photograph of a light-colored acoustic guitar. A brick tower, constructed from reddish-brown bricks, is built on the guitar's body, rising from the soundhole area towards the neck. The tower has a small, decorative top. The background shows a blue metal fence and a wooden chair.

**A
arte de
se construir
cada passo do
saber, do contar e do
cantar, do encontro de
pais e escola para
o caminhar juntos, em base
sólida, segura e contínua.**

Sumário



Mateus Silva Figueiredo

9

Mostra Literária: Releitura de contos e cantos



14

Gincana: Sensações à flor da pele



16

Bate-papo com o jovem cientista Rodrigo Dias

02
Sumário

03
Mensagem

04
Festa Julina: Arraial de cores e canções

05
Dia das Mães: Manhã de aromas, sabores e vida

06
Dia das Mães: Superar, nas cordas do violão

07
Projeto de Literatura: Tarde de apresentações e autógrafos

08
Projeto de Literatura: A importância da leitura na produção de texto

10
Mostra Literária: Para encher os olhos com prosa e canção

11
O respeito às diferenças

12
Uma geração vai, outra vem

13
A missão de educar os filhos

15
Gincana: Hora para relaxar o corpo e a alma

18
Feira do Conhecimento: Parceria para a promoção da vida

19
Feira do Conhecimento: Modelos matemáticos para entender as enchentes

20
A Astronomia de maneira lúdica e experimental

21
Sala de aula: Se faço, compreendo

22
Sala de aula: Tiras em língua inglesa

23
Sacolas plásticas: o centro da discussão?

24
Onda de protestos: O poder e o perigo do gigante

25
Cerimônia marca criação oficial do Mantiqueira

26
Cineclub: O limite da ética

27
Seminário: O petróleo é nosso?

A literatura em cores e sons

Maria Aparecida Fernandes
Diretora Pedagógica

Dentre as atividades desenvolvidas em nossa escola, no primeiro semestre, gostaria de destacar os projetos de Literatura, pois foram bastante produtivos e prazerosos. Alunos e professores do EF1, do EF2 e do EM trabalharam e criaram um itinerário de leitura o qual lhes permitiu transitar pelas possibilidades de compreensão de mundo que a literatura nos oferece e, também, articular a linguagem literária com a música, com a dança e com o teatro.

Ana Maria Machado, Rubem Braga e Vinicius de Moraes, grandes nomes da literatura brasileira, tiveram suas obras apreciadas pelos alunos que as leram, analisaram-nas, interpretaram-nas e re-escreveram-nas. E para que tão importante estudo não permanecesse demarcado pelos limites físicos da sala de aula, os alunos compartilharam suas experiências com todos aqueles que compareceram às tardes de autógrafos do EF1 e à Mostra Literária do EF2 e EM.

Palavras, sons, cores, formas e gestos foram “os instrumentos que materializaram” esse importante projeto literário. Mas, eles também foram pilares indispensáveis às demais atividades de nossa escola: as palavras educativas do jovem cientista Rodrigo Gonçalves Dias conquistaram os alunos; os sons harmoniosos deram sabor e vida à deliciosa manhã de homenagem às mães; as cores preta e laranja colocaram as sensações à flor da pele durante a brilhante Gincana G9 - 2013. As formas criativas da decoração e das roupas da nossa festa julina encantaram os presentes; os gestos de respeito às diferenças mostraram a importância de se caminhar com o outro.

Parabéns, alunos e professores, continuem a valorizar a linguagem literária, esse poderoso instrumento que ajuda a liberar as energias de comunicação e a promover a integração social.



JANTAR ITALIANO – Dezessete alunas do projeto de dança do Curso G9, sob a supervisão da professora Valência Conti, fizeram uma apresentação especial na abertura do Jantar Italiano Beneficente, organizado pela empresa PKC Group e o Lions Clube-Centro. Também acompanharam o cantor Tony Angeli – um dos maiores intérpretes da música italiana no Brasil – no início do seu show.

G Expediente **NOVIDADE**

Gnovidade é uma publicação quadrimestral do Curso G9. Envie sugestões, textos e fotos para gnovidade@curso-g9.com.br

Direção Pedagógica
Maria Aparecida Fernandes

Direção de Planejamento
Giovanni Henrique Faria Floriano

Direção Administrativa
Hilson Háliz Dias Perlingeiro

Coordenação Editorial
Cecília C.R. Passos

Jornalista Responsável
Bill Souza

Capa:
Composição de fotos feitas pelos alunos Mateus Silva Figueiredo e Victor Bourdon de Souza, ambos do 3º ano do Ensino Médio (Turma M31)

Fotos:
Bill Souza e alunos do Curso de Fotografia

Projeto Gráfico
Contexto Assessoria em Comunicação
(35) 3622-6827 e 8828-0861



Curso G9
Av. Tancredo Neves, 45
Itajubá – MG - (35) 36231877
www.curso-g9.com.br

Festa Julina

Arraial de cores e canções

Silmara Rúbia Braga
 Assistente Pedagógica
 Ensino Médio e Pré-vestibular

Em 8 de julho, mais uma vez, divertimo-nos com a famosa festa caipira do Curso G9.

O friozinho, as comidas típicas e saborosas, o colorido da decoração... Ah, essa festa foi mesmo um momento de muita alegria para toda a comunidade escolar.

Só quem trabalha nos bastidores da festa sabe que os preparativos começam bem cedo. Os ensaios com as crianças, o planejamento das barracas de comidas e brincadeiras... e já vamos entrando no clima.

O clima é bom: saborear a ansiedade de escolher qual barraca ficará sob nossa responsabilidade este ano; a surpresa em saber quais os colegas que trabalharão conosco na barraca; a alegria em saber se os professores irão dançar e quais serão as surpresas da quadrilha; o êxtase com a criatividade dos alunos e professores em suas roupas típicas. Foi mesmo uma ótima oportunidade para nos aproximarmos e nos divertirmos.

O ponto forte na Festa Julina do G9 é a interação entre funcionários, professores, familiares, alunos, ex-alunos e amigos. É muito gratificante quando recebemos ex-alunos em nossa festa. E, neste ano, esse ponto forte foi ratificado. Não há o que supere essa interação.

Mais uma vez, vivemos momentos de pura diversão. Foi uma ótima maneira de encerrar o semestre.

Todos em seus lugares, procurem seu par, a quadrilha já vai começar. Perto da fogueira, para se esquentar. Cavalheiros, cumprimentem suas damas e assim por diante, a folia não tem hora para acabar. Enfim, depois de tudo contemplar, a alegria é fácil de encontrar. Gente feliz, cheia de bondade, simplicidade de um povo que, na noite de festança, cria na dança e alegria o coração.

Wellington C. da Silva Júnior
 Aluno do 1º ano
 Ensino Médio (Turma M12)



Dia das Mães

Manhã de aromas, sabores e vida

Elisabete Pereira Leite
Mãe da aluna Maria de Fátima
5º ano do Fundamental I (Turma F51)

Manhã de sábado que deixou transbordar o carinho que a escola sente por todas as mães. A gente vem chegando devagarzinho e pensa que nem começou, mas os alunos do Ensino Médio já estão lá, alegrando o ambiente com as músicas de suas bandas. Um pouco de Tai Chi Chuan e os olhares das mães se encontram, permitindo nascer o sentimento de pertença ao G9.

Agora sim, durante o café a conversa começa tímida, porém em pouco tempo todos se entrosam e colocam o “papo em dia” entre uma uva e outra. E o alerta nos é dado: música, exercício e boa alimentação devem estar presentes em nossa casa.

A sábia peça teatral chama-nos para o dever de ser mãe companheira e atenta às necessidades



Café da manhã, apresentações artísticas e integração entre a comunidade escolar marcaram a homenagem às mães do G9 em 18 de maio

das crianças. O texto, produzido com esmero por alunas do 6º ano, fala diretamente a cada uma de nós que vale a pena participar da vida de nossos filhos.

Pudemos ainda admirá-los expressando seu amor filial através da dança e canto. Ao vê-los com nossa blusa é possível perceber o quão importantes somos para eles. E a ternura também não faltou: a

dança com os ursinhos de pelúcia lembrou-nos da fragilidade dos pequenos.

E para completar o momento, apreciamos mães que tão bem cantaram, preenchendo o momento de paz. Por fim, uma pequena aluna nos homenageou e, cantando com a alma, representou cada filho do G9.

Sem dúvida, uma manhã com sabor de amor.

No palco, com a filha



Fabiana Chiavenato Ramos de Souza
Mãe das alunas Larissa – 8º ano do Ensino Fundamental II (Turma F81) e Aline – 2º ano do Ensino Fundamental I (Turma F21)

A convite da coordenadora pedagógica Estela, do Fundamental II, na comemoração do Dia das Mães no G9, fomos, Ana Maria Salomon e eu, chamadas para participar junto com os alunos de um momento musical.

A primeira reação foi de recusa. Mas, apoiadas e incentivadas pelas nossas filhas, topamos o desafio da

apresentação. Com a colaboração profissional do professor João César, que pacientemente não mediu esforços para nos ajudar, ficamos um pouco menos inseguras.

No dia da apresentação, a insegurança e a ansiedade eram visíveis.

Ao final, ficamos agradecidas pelo apoio e pelas palavras de carinho e incentivo.

Mãe e música, combinação perfeita



Larissa de Cássia Ramos de Souza
Aluna do 8º ano – Fundamental II (Turma F81)

A mãe é uma personagem presente na história de todas as pessoas. Aliás, sua presença inicia mesmo antes de nossa vinda ao mundo.

Na comemoração do Dia das Mães, pensando nessa pessoa indispensável à vida das crianças e adolescentes, ainda mais quando somos estudantes, o Curso G9 não podia deixar de homenageá-la.

Nesse dia, foi preparado um delicioso café da manhã para elas. Em seguida, elas participaram de uma atividade de Tai Chi Chuan

para renovar as energias. Logo após, começaram as apresentações, preparadas pelos alunos e professores.

Para encerrar as apresentações, tivemos uma participação especial: duas mães apresentaram algumas canções que haviam preparado, anteriormente, com o professor de música, João César. Foi um momento maravilhoso quando pudemos, além de apreciar os talentos musicais de nossas mães, interagir com outras mães e demais alunos no ambiente escolar.

Dia das Mães

Superar, nas cordas do violão

Nathan Marcondes Freitas Leite
Aluno do 8º ano
Ensino Fundamental II
(Tuma F82)

Quando entrei na aula de Música, estava animado e tinha muitos sonhos. Comecei, desde então, a compor algumas músicas, com letras e melodias, sempre que tenho inspiração.

Em nossa primeira apresentação para um público maior do que o de minhas aulas com o professor João César, estava ansioso e queria mostrar todo meu esforço e dedicação. Mas, foi então que, no meio da música, errei uma das notas, perdi o ritmo e fiquei envergonhado com aquilo. Parei de tocar e apenas fingi estar dedilhando as notas, pois não queria envergonhar o professor.

Algum tempo depois, decidi parar com a música e fiquei um ano e alguns meses sem pensar em mais nada relacionado às aulas. Pouco depois, vi a filmagem que minha avó fez da apresenta-



Sorrisos, cumplicidade e afeto: música e teatro para animar as homenagens às mães

ção e percebi que meu erro em nada atrapalhou e nem sequer pareci ter errado, e a música continuava linda como havíamos treinado.

Foi então que, neste ano, retomei as aulas de violão no Curso G9 e voltei a tocar novamente. O professor João César me chamou

para uma nova apresentação - ele já sabia que eu não queria mais tocar em público e que estava desanimado, mas ele não me deixou desistir e me apoiou o tempo todo. Um dia, ele me levou até a sala da coordenadora Estela e, juntos, começaram a me falar que não havia o que temer, que era necessário

que treinasse na escola, pois aqui é o espaço para que eu aprenda a lidar com minhas habilidades e emoções. Comecei a pensar, enquanto eles falavam, o motivo de não querer apresentar, o porquê de não ter mais ânimo para a música... e de estar fechado assim.

Percebi que não havia motivo algum para não me apresentar ao público. Eu não tinha nenhum argumento. Então, aceitei e fiquei a semana inteira pensando na apresentação. Quando chegou o dia ainda não estava calmo, tentei relaxar de todos os jeitos possíveis e, simplesmente, fiz o que tinha que fazer.

A apresentação, para mim, pareceu demorar muito mais do que realmente demorou, mas, ao final, eu me senti "livre" daquele peso. Agora voltei a escrever, estou tocando como antes, sinto-me mais calmo e tranquilo, mas ainda brigo com o "frio na barriga" que teima em não me deixar. Acho que preciso treinar mais para superar essa sensação.



Que festa bonita, que festa alegre, que festa emocionante. Tivemos alunos homenageando as mães, mães homenageando outras mães, professoras homenageando e sendo homenageadas, professores se doando no preparo e no capricho dos números artísticos, funcionários se esmerando nos detalhes de montagem do palco, do lanche, enfim, valores e dons se entrelaçando, se unindo - é o tal do amor divino que foi celebrado.

Marcia Gil de Souza
Coordenadora do Ensino Médio e PV

Momento inesquecível vivenciei ao participar da homenagem às mães no dia 18 de maio. Pude perceber o carinho e atenção do Curso G9 dispensados aos alunos e pais dessa instituição de ensino. Foi uma experiência única me sentir uma aluna na Oficina de Música, tocando e cantando com o professor João César e seus alunos nos ensaios, às sextas-feiras.

Agradeço ao G9 a oportunidade de ter participado desse evento tão significativo às mães e parabens toda a equipe que se preocupa integralmente com o aluno e valoriza a parceria família-escola no sucesso da aprendizagem de nossos filhos.

Ana Maria Pereira Moraes Salomon
Mãe da aluna Ana Júlia - 2º ano do Ensino Médio



Feira de Literatura

Tarde de apresentações e autógrafos

Bill Souza
Assessoria de Comunicação

O incentivo à leitura, ao debate de ideias e ao re-escrever, de forma coletiva, clássicos da literatura infantil. Esse foi o objetivo central de mais um projeto de Literatura da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I do Curso G9, que este ano trouxe uma novidade: o trabalho de cada turma se transformou em um livro, com direito a tarde de autógrafos.

O lançamento dos livros produzidos pelos alunos foi dividido por turmas e aconteceu nos dias 5, 8 e 9 de Julho. Na plateia, pais, avós e amigos dos pequenos escritores. Para Elaine Souza, mãe do aluno Arthur (1º ano), a proposta da Feira de Literatura foi excelente. “É emocionante ver o Arthur se desenvolvendo dessa forma”.

“Como professora, com muitos anos de experiência em sala de aula, vejo que esse projeto é fundamental e de extrema importância para cada um dos alunos. Precisamos, cada vez mais, escola e família, investirmos no hábito da leitura e incentivá-lo”, disse a diretora pedagógica do G9, Maria Aparecida Fernandes.

A coordenadora pedagógica



da Educação Infantil e do Fundamental I, Nilcéia Juliana Ribeiro de Carvalho Pereira, disse que a maior dificuldade na realização do projeto foi aproximar a ideia

e a escrita inicial das crianças do resultado final. “Não é fácil, mas essa maior dificuldade é também o maior ganho, e é gratificante ver o resultado”.



Releitura de clássicos

+

Cada sala do Fundamental I fez a leitura de uma das obras da autora Ana Maria Machado. Cada releitura também foi feita de uma forma. O 1º ano trabalhou o livro “A Velhinha Maluquete” e, ao contar a obra, acrescentou novos personagens à trama. Já o 2º ano se baseou na leitura de “Alguns Medos e seus segredos” e escreveram, em duplas, histórias que remetessem ao título do livro original. O 3º ano fez a leitura de “A Velhinha misteriosa” e transformou a história em texto teatral, apresentando para os pais – e também para os idosos do Lar da Providência. Quem também transformou o livro em peça teatral foi o 5º ano, com o Livro “A Nau Catarineta”. O 4º ano leu “O Cavaleiro do Sonho. As Aventuras e Desventuras de Dom Quixote de La Mancha”

Professora Ludmila Oliveira Silva Grassi
1º ano – Ensino Fundamental I (Turma F11)

A proposta para o Projeto de Literatura de 2013 foi estudar uma obra da autora Ana Maria Machado. Escolhemos o livro “A Velhinha Maluquete”, que despertou grande interesse dos alunos, principalmente, devido ao título.

De acordo com a nossa proposta, que era acrescentar personagens na obra original, surgiu então a ideia de fazermos uma continuação dessa história, criando, em duplas, animais que também gostariam de viajar no balão com a Velhinha Maluquete.

Novos passageiros nesse balão



Hábito

A importância da leitura na produção de texto

Claudia Matta

Mãe da aluna Sofia – 2º ano
 Ensino Fundamental I (Turma F21)

Sofia, minha filha de seis anos, do segundo ano, fez uma maravilhosa viagem pela leitura e pela produção de texto.

Neste semestre, houve um grande incentivo à leitura, feito pela professora Vanessa e estimulado em casa por nós, os pais. O resultado foi uma substancial melhora na produção do texto da Sofia.

Uma das propostas interessantes foi a criação de uma biblioteca na sala de aula, com livros que as crianças trouxeram de casa para compartilhar com os amiguinhos. Isso fez com que as crianças pudessem ter contato com outras histórias.

A biblioteca da escola também teve seu papel nesse processo, nela há muitos livros infantis interessantes.

Além disso, frequentemente, houve atividades relacionadas ao fichamento de livros. Por conta disso, minha filha já identifica o título, o autor e editora

da obra, com facilidade. Além disso, sempre há uma atividade para criar um novo final para a história, o que potencializa a criatividade que a criança naturalmente tem.

Um dia desses, a Sofia escreveu tanto que produziu uma lauda e meia de texto. Uma bela e interessante história ela escreveu. Fiquei muito impressionada. Então, perguntei a ela se alguém havia lhe ajudado a escrever. E para minha surpresa, era ela mesma que havia criado toda aquela fantástica história. Fiquei muito feliz com esse desenvolvimento.

Por isso, gostaria de ressaltar a importância da figura de pais e professores para conduzir as crianças para esse mundo fantástico da leitura. A leitura é um momento mágico em que damos asas ao imaginário. A leitura entretém, emociona, informa, diverte e também possibilita o desenvolvimento da escrita.

Desenho feito por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I a partir da leitura do livro "A velha misteriosa", de Ana Maria Machado



Atitude quixotesca

Livia Mokarzel Carneiro, Vinicius Fernandes Prado e Vivian dos Santos Carvalho
 4º ano – Ensino Fundamental I (Turma F41)

Um dia, Quixote foi a uma padaria comprar pão a pedido de sua mãe. Quando ele entrou na padaria e viu o padeiro com aquele chapéu de cozinheiro, ele pensou que fosse um bruxo querendo enfeitiçar as pessoas que lá esta-

vam. Pegou sua lança, seu escudo e foi lutar com o bruxo. O padeiro brigou com o menino e não deixou que ele levasse os pães. Quixote fez a maior bagunça na padaria. Foi preciso chamar sua mãe.

A mãe de Quixote o levou para

casa e deu-lhe mais um castigo. No dia seguinte, sua mãe foi até a padaria, pediu desculpas ao padeiro, pagou as despesas pelos estragos feitos pelo filho com as economias que Quixote guardava para comprar mais livros.



Mostra Literária

Releitura de contos e cantos

Estela Maria de Oliveira
Coordenadora Pedagógica
Ensino Fundamental II

Era uma vez um poeinha, Vinicius de Moraes. 100 anos de história. Rio de Janeiro, 1913, ele nasceu. Foi diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor. Na poesia, essencialmente lírico, notabilizou-se pelos seus sonetos. Na música, teve várias facetas: foi terno, melancólico, inocente, militante, lúdico, folclórico, alegre, negro, pungente e simples. Vinicius foi “cidadão do mundo”.

Era uma vez um menino. Rubem Braga. 100 anos de história. Nasceu em Cachoeiro do Itapeiririm, Espírito Santo, em 1913. Foi escritor e cronista, diplomata, jornalista, repórter viajante, editor, amante das artes e amigo dos artistas. Como correspondente da FEB sentiu os horrores da Guerra, em 1945, na Itália. Homem de hábitos

simples, cultivou plantas e amigos e relatou amorosamente tudo o que viu e viveu, deixando milhares de textos escritos.

Dois escritores centenários que com uma facilidade espantosa falaram da beleza brasileira, das coisas simples da natureza, da ternura familiar, da importância dos amigos, dos amores e das dores vividas. Os trechos a seguir ilustram bem a sensibilidade desses brasileiros:

“... É sempre quieta a casa materna, mesmo aos domingos, quando as mãos filiais se pousam sobre a mesa farta do almoço, repetindo uma antiga imagem. Há um tradicional silêncio em suas salas e um dorido repouso em sua poltrona [...] As coisas vivem com em preces, nos mesmos lugares onde as situaram as mãos maternas



Sheila Bourdon

quando eram moças e lisas. Rostos irmãos se olham dos porta-retratos, a se amarem e compreenderem mudamente. O piano fechado, com uma longa tira de flanela sobre as teclas, repete ainda passadas valsas, de quando as mãos maternas careciam sonhar...” (A casa materna, 1965. Vinicius de Moraes).

“O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu [...] No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera; mas assim mesmo fiz questão de que Carrybé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente

muito querido...” (O cajueiro, 1998. Rubem Braga).

Através de suas crônicas, poesias e músicas foi possível, nas aulas de Literatura, apresentar e trabalhar com os alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio um pouco de cada um deles.

À escola, coube a apresentação e a indicação de leituras de qualidade. Aos alunos, os sussurros de poesia, o caminhar no calçadão, os jornaleros e suas crônicas, as vozes da Garota de Ipanema, as releituras de contos e cantos entre tantas outras maneiras de reviver esses dois escritores.

Ler é essencial, principalmente, para o bom desempenho acadêmico e a formação leitora dos alunos.

Era uma vez um leitor. Curso G9, Itajubá 2013!

A arte do encontro

Regiane Aparecida de Souza Ferreira
Professora de Literatura do Ensino Médio e Gramática do Pré-vestibular

Há canções que nos dizem coisas essenciais à vida e ao coração. A música “Samba da Bênção” de Vinicius de Moraes é uma dessas preciosidades. Um de seus tão significativos versos diz: “A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”. Encontrarmos-nos, verdadeiramente, com alguém é muito mais do que compartilhar tempo e espaço, é de fato uma arte que nos faz mais fortes, mais humanos e mais autênticos no decorrer da

nossa existência.

Na relação professor e aluno, também, é assim. Como docente, deparamo-nos com alunos das mais variadas formações e opiniões. E, assim, ao lançar uma proposta de trabalho é necessário estar preparado para as mais diversas reações. Há os alunos que acatam, os que rejeitam, os que questionam. Mas, que bom! Somos genuinamente diferentes e o fruto das reflexões é sempre positivo. Junto com outra

peessoa, temos a oportunidade – se tivermos coragem e sensibilidade – de observar como somos na relação com o outro, no nosso melhor e no nosso pior. E os dois meses de preparação para a Mostra Literária deram-me exatamente essa dimensão: a de que, sempre, precisamos trabalhar em equipe.

Rubem Braga e Vinicius de Moraes têm seus centenários comemorados em 2013. Falar sobre esses dois consagrados autores brasileiros

foi uma tarefa desafiadora e, ao mesmo tempo, deliciosa. Os alunos do Ensino Médio tiveram a oportunidade de mostrar todo o seu talento e esforço. Estudaram, prepararam-se para as explanações aos visitantes e, certamente, deixaram uma linda marca em todos aqueles que passaram pelos estandes.

Que na convivência escolar, haja sempre a arte do encontro, o qual sempre oferecerá bons frutos a todos dispostos à aprendizagem.



Mateus Silva Figueiredo



Victor Bourdon de Souza

Mostra Literária

Para encher os olhos com prosa e canção

Marcia Gil de Souza

Coordenadora do Ensino Médio e Pré-vestibular

O Curso G9 sempre trabalhou com quatro exposições literárias em momentos diferentes do ano: era de praxe, em abril, realizarmos o projeto “Concurso de Poesias”, do Ensino Médio; em maio, a “Feira de Literatura”, do Ensino Fundamental I; em junho, o projeto “Mostra Literária”, do Ensino Fundamental II, e em novembro, o projeto “A Literatura Vai ao Teatro”, do Ensino Médio.

Neste ano, o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio resolveram fundir seus três projetos num só: A Mostra Literária.

O 1º ano estudou a obra do mestre da crônica, Rubem Braga, que em 12 de janeiro completaria 100 anos. E, sensibilizados pela pegada lírica e bem humorada do cronista, apresentaram um trabalho digno de constar nos anais da história do Curso G9. Parabéns, alunos e professora do 1º ano, pelo presente lindo que nos deram no dia 4 de julho – vocês foram brilhantes.

E o que dizer do 2º ano? Assim como com Rubem Braga, celebramos o centenário do grande poeta, músico e dramaturgo Vinícius

de Moraes. O 2º ano fez um estudo a respeito de Vinícius, tendo como pano de fundo a leitura do livro “Antologia Poética – Vinícius de Moraes”. A partir da discussão sobre o trabalho do poeta, os alunos criaram teatro e música para homenageá-lo. O resultado foi o belo trabalho apresentado em prosa, verso e música no dia da mostra.

Parabéns à professora Regiane, ao professor João César, aos professores do Ensino Fundamental II e aos alunos pela dedicação e criatividade apresentada. Fiquei orgulhosa de vocês e desse brasileiro famoso no mundo inteiro, nosso amigo Vinícius.

A experiência de fundir os estudos literários num só projeto valeu a pena. O dueto fantástico: Fundamental II e Ensino Médio, juntos nos estudos, no esforço e na criatividade, gerou uma exposição de “encher os olhos”.

Aos profissionais e alunos envolvidos em tão grande projeto, meus parabéns e minha admiração – vocês foram fantásticos. À professora Estela, coordenadora do Ensino Fundamental II, obrigada pela partilha da sua experiência, da sua sabedoria e da sua parceria. É um privilégio estar ao seu lado.

Fotos: Mateus Silva Figueiredo e Victor Bourdon de Souza



O interagir e o partilhar à mostra

Maria Luiza Soares Felipe

Aluna do 1º ano – Ensino Médio (Turma M12)

A Mostra Literária do Curso G9 é um evento realizado com o objetivo de mostrar aos alunos e demais visitantes grandes obras literárias de autores famosos marcadas pelo tempo, na história da cultura brasileira, na mente e no coração de muitas pessoas.

Neste ano, em 4 de julho, expusemos a genialidade de dois grandes escritores brasileiros: Rubem Braga e Vinícius de Moraes. Apresentamos música, teatro, dança, declamação de poemas, vídeos informativos e bancas interativas.

No dia anterior, estivemos presentes na escola para deixarmos tudo pronto para o dia da exposição. Foi muito gostoso presenciar esse momento e interagir com colegas, professores e funcionários. Foi uma experiência maravilhosa, uma vez que houve a participação e a interação de todos com muito entusiasmo e vontade.

A minha turma exibiu aos visitantes releituras das obras de Vinícius de Moraes e a história desse grande poeta, com vídeos interativos e outras atividades.

Os visitantes adoraram, houve até mesmo um pedido para que publicássemos a nossa releitura. De manhã e à tarde, apresentamos ao público: peças teatrais, músicas e declamações de poemas que foram um sucesso, sendo todos aplaudidos de pé.

A Mostra Literária 2013 foi um sucesso, pois a colaboração e a dedicação do grupo fez com que os visitantes adorassem nossas produções. Foi tudo muito gostoso de fazer e apresentar, uma vez que desde a montagem até

a apresentação nos divertimos, ficamos até mesmo ansiosos.

Esta é a primeira vez que apresento algo assim a um público. Fiquei surpresa, pois pensei que não conseguiria, pelas barreiras da timidez e do nervosismo, mas surpreendi a mim mesma quando me vi apresentando o meu próprio trabalho com clareza, sem nervosismo nem mesmo timidez. Muito obrigada, Curso G9, por me proporcionar essa grande experiência, que teve um grande sucesso!

Visitas

O respeito às diferenças

Pedro Gonçalves Mokarzel
Aluno do 9º ano
Ensino Fundamental II
(Turma F92)

No início, quando olhei pela primeira vez para as crianças da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), sentadas na borda da quadra, achei que elas não tinham nada de diferente. Até eu perceber suas diferenças, demorou um bom tempo.

Percebi que a maioria das crianças tem força e agilidade. Os professores geralmente os acompanham nas atividades, ajudando-os ou mostrando-lhes os limites das regras das brincadeiras.

Eles são muito alegres e sempre comemoram, tanto na vitória



Estela Maria de Oliveira

O contato com a diferença para a construção de valores e conhecimento: aulas práticas com jeito de cidadania

quanto na derrota. Percebi também que eles gostam de mostrar os seus aprendizados e conquististas como a de uma menina que estava conversando com

um grupo de garotas, sempre mostrando muito interesse pelo nosso aprendizado e falando sobre o dela. Ela mostrou, com emoção, a facilidade que tem em

estrelar o punho. Outro exemplo é um menino que demonstrou como se enche uma bexiga.

Percebi que eles têm muita determinação. Surpreendi-me, também, ao ouvir um menino com deficiência visual lendo um texto com uma facilidade que eu não tinha em sua idade.

Na soma de tudo, gostei muito de ter ido à APAE, suas crianças impressionam e, de uma forma geral, elas parecem ser muito felizes. Elas sempre conseguem pular os obstáculos provocados pela sua deficiência. Possuem uma força de vontade muito grande. Muitas pessoas que conheço são “normais” e deixam de fazer coisas por pequenas dificuldades. Deveríamos aprender com elas a superar os problemas.

Um olhar sobre o outro

Bill Souza
Assessoria de Comunicação

O conteúdo teórico visto em sala de aula aplicado à vivência. Esse foi o objetivo das duas visitas de gestores e pessoas atendidas pelo Centro de Apoio e Integração do Deficiente de Itajubá (CAIDI) aos alunos dos 8º anos do Ensino Fundamental II (F81 e F82) do Curso G9. A proposta do encontro foi feita pela professora Pollyanna M. Freitas Leite, de Ciências Biológicas, que está trabalhando os sentidos do corpo humano com as duas turmas.

Para a coordenadora do Fundamental II, professora Estela Maria de Oliveira, a visita foi um sucesso. “Foram encontros muito ricos e interessantes.

Nossos alunos tiveram a oportunidade de conviver com as diferenças, de perceber que Pessoas com Deficiência [PCD] podem, apesar das limitações, conviver normalmente e serem modelos de superação”, explica.

Pollyanna Leite disse ainda que as turmas estão estudando os sentidos do corpo humano. “Estudamos a anatomia (formato) dos órgãos dos sentidos (visão-olho, audição-orelha, paladar-língua, tato-pele e revestimentos) e a fisiologia (funcionamento dos órgãos). Com isso não podemos deixar de falar sobre as interferências que provocam deficiência nes-



ses sentidos”, ressaltou.

De acordo com a professora, antes das visitas, os alunos discutiram em sala cada uma das deficiências relacionadas diretamente aos sentidos: auditiva e visual, em suas mais diversas formas. Para isso, vídeos e filmes que tratam do assunto. “Com essa ideia temos a associação do conteúdo à vivência prática. De nada adianta conhecermos um conteúdo de ciências se não soubermos aplicá-lo em nossa vida”, finalizou.

“Sempre digo que sou cega – não vejo problemas nisso. Nós aprendemos a conviver com a limitação visual, re-educando os outros sentidos”.

Maria Salete da Silva Batista
Coordenadora do CAIDI

Reunião de Pais

Uma geração vai, outra vem

Antonio Bombard

 Pai do aluno Teófilo – 8º ano (Turma F82)
 Ensino Fundamental II

O tema do encontro de Pais em maio no Curso G9 foi “Gerações”. Muito interessante, nos fez refletir este conturbado e difícil relacionamento, com tantas tecnologias invadindo nossos lares. Eu sou do meio do “ano que não terminou...” Talvez por isso eu seja mal resolvido.

Geração X, Geração Y, Geração Z.

Z de Zuckerberg, o idealizador do Facebook? Face a book. Menos Face, mais Book! Imediatismo... Eike Batista. Steve Jobs. Bill Gates. Gisele Bündchen. Neymar. Duplas Sertanejas. Famosos... O que têm em comum? Conquistaram seu primeiro milhão (ou bilhão) exponencialmente, com 40, 30, 20 (ou até menos de 20?) anos... “Geração silenciosa”...

Conversando com o professor Sebastião Carlos, meu colega na Unifei, sobre nossos alunos da geração Y, ele me dizia que essas novas gerações, plugadas, conectadas, são imediatistas. Natural, pois vendo tais exemplos de casos de sucesso, como os citados acima, querem também atingir independência financeira precoce e rapidamente e, se possível, sem muito esforço. Mas se esquecem que essas pessoas são “pontos muito fora da curva”, para usar uma expressão matemática.

Este é o Ano Internacional da Matemática. Apliquei uma prova recentemente e pedi aos alunos de certo curso de Engenharia para, literalmente, contar quadrados. Uma figura simples, de duas dimensões, mas com múltiplos quadrados. A maioria errou a questão, não porque não sabe reconhecer um quadrado, mas pela pressa. Estão treinados em responder rápido! Treinamento das questões do ENEM? Não sei...

Imediatismo...

Casos como o de Eike Batista, Marck Zuckerberg, lembram a função exponencial. Uma famosa e importante função matemática. O conto do jogo de Xadrez, no livro “O Homem que Calculava”, de Malba Tahan, é um bom exemplo do poder das funções com expoente. O riquíssimo Rei acabaria nu e nem assim pagaria sua dívida astronômica. A função exponencial tem algumas peculiaridades interessantes: ela cresce vertiginosa, explosivamente, tendendo ao infinito muito rápido.

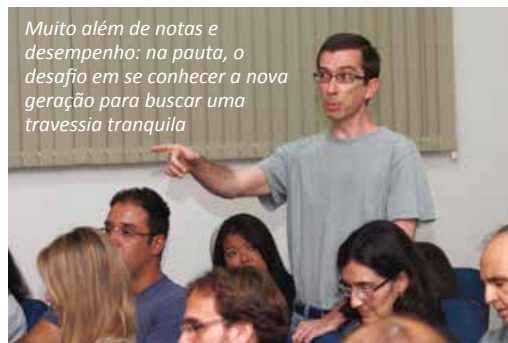
Pessoas de sucesso, multi-

do cantor Leonardo, que sofreu grave acidente rodoviário em abril de 2012. O mal exemplo: “Thor Batista, filho de Eike Batista, está sendo absolvido depois de matar uma pessoa a 135 km/h. E o perito que fez o laudo que comprovou essa alta velocidade de Thor, foi afastado.”

No esporte, muito saudável, há que “pensar e agir rápido”. Ok. Mas será que no imediatismo de apertar cada vez mais rápido botões e teclas, torpedear um SMS em segundos, não está se perdendo pouco a pouco, a gentileza, o pensar no próximo? O

da opinião que precisamos resgatar a boa e velha tradição de nos espelhamos nos bons exemplos, com orgulho e não com (falsa) vergonha. Do contrário, como dizia meu pai, “ouro vira caca e caca vira ouro.”

Hagia Sophia foi um maravilhoso templo cristão ortodoxo (hoje é um museu) em Istambul. Em turco: Ayasofya, que significa “Santa Sabedoria”. Sophia não foi nenhuma pessoa, de carne e osso, que existiu e foi canonizada. Sophia significa “sabedoria” em grego. É a Suprema, Divina Sabedoria. Por isto Hagia (Santa).



Muito além de notas e desempenho: na pauta, o desafio em se conhecer a nova geração para buscar uma travessia tranquila

milionárias, são invejadas, naturalmente. “Dinheiro não traz felicidade, manda buscar!” Mas vamos lembrar alguns extremos, exemplos do melhor e do pior, para nossos amados Filhos. Sua Excelência, o super ministro doutor Joaquim Barbosa, que nos surpreende por sua ética e caráter inabaláveis, apontando e condenando sem temor os desmandos de ricos e poderosos. O sr. Alex Kozloff Siwek, que embriagado (sic) atropelou um ciclista, decepcionando o braço do rapaz e ainda atirou o braço da vítima num córrego... Outros: o bom exemplo dos médicos Rafael Jacob e Jean Paresoto, responsáveis pelo atendimento que salvou a vida de Pedro, filho

romantismo da demora em receber uma carta escrita já é coisa do século passado... Não tem mais lugar no 3o milênio. Não estou dizendo pra voltarmos ao papel. Eu também sou usuário de e-mail. Também mando torpedos. Tenho até conta no FB!

Afinal, quem ajuda mais a humanidade? Os operários simples e humildes, invisíveis e mal remunerados, no desempenho honesto de suas funções cotidianas, ou as sisters e brothers, famosidades meteóricas, mas vazias, sem conteúdo? Tantos grandes nomes de exemplos para citar: dr. Ivo Pitanguy; professora Mayana Zatz; dr. Esper Kallas; dr. Theodomiro Carneiro Santhiago, ministro Joaquim Barbosa... Sou

Segundo alguns apócrifos gnósticos, Sophia é a Mãe dos Anjos... Será que perseguindo o primeiro milhão, sem esforço, trabalho, suor, se alcançará compaixão, harmonia, Sophia?

Falta-me tempo para quebrar o silêncio, buscar e manter o diálogo com meus filhos? Tenho que encontrar este tempo! “Para tudo há um tempo na vida!”, como diria Salomão. O ser sempre foi e continuará sendo maior que o ter. Não temos que dar tudo que nossos filhos pedem. Não damos pedra em lugar de pão, nem escorpião em lugar de peixe. Quem nos disse que temos que dar mais do que tivemos, com tanto sacrifício? Nós mesmos! Nisto, a culpa é nossa.

Escola + Família

A missão de educar os filhos

Maria Leticia Renó Cortez e José Roberto Cortez

Pais dos alunos Lucas – 9º ano do Ensino Fundamental II (Turma F92) e Gabriela – 2º ano do Ensino Médio (Turma M22)

Para nós, pais, o filho é um dom por excelência, pois a paternidade vem de Deus e Ele nos deu autoridade para bem exercê-la, portanto, nossa missão maior é bem educá-los. Para educar e corrigir nossos filhos não devemos e nem podemos usar de violência, autoritarismo, palavras ofensivas. Precisamos corrigi-los com amor. Os pais que amam seus filhos corrigem-nos.

Precisamos conquistar nossos filhos para dar ensinamentos, se não fizermos isso, eles não vão nos ouvir. Para conquistá-los devemos dar-nos a eles, e não dar a eles tudo o que querem, se assim fosse, o pobre não poderia conquistar seus filhos. É claro que podemos dar algumas coisas, dentro do equilíbrio, dentro das nossas condições financeiras, mas não é isso que vai conquistá-los.

Precisamos ter tempo para nossos filhos, gastar tempo com eles. Somos pais e mães e não

podemos deixá-los carentes de pai e mãe. Precisamos cuidar de nossos filhos, é nossa missão.

Devemos conquistar nossos filhos nos dando a eles. Não devemos mimá-los, mas dar aquilo que eles precisam receber: educação moral, intelectual e religiosa, isso é fundamental na vida de qualquer ser humano.

É de suma importância o “não” dos pais, assim o filho aprende que, na vida, nem sempre sua vontade deve prevalecer. Não é fácil corrigir e dizer “não”, seria mais fácil e conveniente dizer “sim”, pois dizer “não” é ser muitas vezes incompreendido. Quem corrige, mesmo querendo o bem do outro, corre o risco de ser mal interpretado, contudo, demonstra um grande amor e cuidado com o outro. Só quem nos ama nos diz “não”.

Para educar é preciso esforço, dedicação, perseverança, paciência... sobretudo amor. Quem nos ama, os que sinceramente



Pais e mães durante reuniões pedagógicas realizadas com todos os segmentos, da Educação Infantil ao Pré-vestibular

se interessam por nós, não têm medo de nos dizer a verdade e nos corrigir.

Impor limites, educar e formar nossos filhos é uma árdua missão. É preciso tentar, começar e recomendar... sempre é tempo de

recomeçar!

Vamos nos unir e somar esforços juntos, família e escola, cada um no seu papel, com um mesmo objetivo, formar e educar nossos filhos. Deus abençoe nossa missão.

A escola na Era digital

Alessandra Lino

Coordenadora da Informática Educacional

A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação foi o tema central do seminário promovido pela editora Saraiva, em São Paulo, do qual participaram alguns professores do Curso G9.

Nesse evento, fizemos alguns questionamentos como: até pouco tempo não havia videogame, e os jovens se divertiam muito; não havia internet, e os alunos se interessavam mais pelas aulas; o professor, na sala de aula, era quem detinha o conhecimento. Atualmente, o ambiente educacional passou por várias mudanças: substituíram o quadro negro e o giz, o mimeógrafo e a máquina de escrever; mudaram a disposição

das carteiras e o professor não é mais considerado o detentor do saber; os alunos passaram a ter uma participação mais ativa no processo de aprendizagem.

Em muitas salas de aula, esta geração, denominada Z, tem internet, lousa digital, tablet, dentre outros. Essas tecnologias podem facilitar o processo educacional e auxiliar a aprendizagem significativamente. A internet, por exemplo, é uma ferramenta pedagógica muito boa e, se usada adequadamente, ajuda o aluno a se comunicar, a interagir e a colaborar para que o processo de aprendizagem seja eficiente e prazeroso. Mas, para que isso aconteça é necessário

que os alunos estejam sempre motivados. É, também, fundamental orientá-los para o uso adequado da escrita, do vocabulário, da redação e da pesquisa na internet, pois assim estaremos melhorando a comunicação e favorecendo a aprendizagem.

Portanto, nós, educadores, não podemos fugir ao uso das novas tecnologias de comunicação e informação porque elas fazem parte do universo de nossos alunos e a sua correta utilização, com metodologias adequadas e incorporadas ao currículo, poderá proporcionar maior interação e melhores resultados educacionais.



RECONTAR – Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I (Turma F11) leram e recontaram a obra “A Velhinha Maluquete” da autora Ana Maria Machado. A apresentação foi feita durante a Tarde de Autógrafos.

Gincana

Sensações à flor da pele

Alexsandro de Souza
 Professor de Educação Física – Ensino Fundamental II

As gincanas são muito populares e nos permitem explorar a criatividade dos participantes. Normalmente, elas apresentam um roteiro formado por um conjunto de atividades que levam a uma somatória de pontos para determinar o vencedor ou os vencedores. Essas atividades podem ser realizadas em diferentes espaços: em uma quadra esportiva, em um parque ou, até mesmo, em diferentes locais de uma mesma cidade.

Explorar a autonomia e a criatividade dos participantes nas provas relâmpago é muito gratificante. Quando as equipes estão se enfrentando numa disputa esportiva ou cultural, as emoções explodem de todos os lados. Uns gritam, outros choram. Há felicidade, existem tristezas. Essas sensações são necessárias para o crescimento individual e coletivo de todos os envolvidos.

Sempre gostei da gincana porque ela une a escola inteira. Nós aprendemos mais, nos divertimos. Uma das partes que eu mais gosto é a abertura e o encerramento, porque temos que ensaiar, nos preparar, usar a criatividade e convencer a todos para estarem juntos com a gente. A união este ano foi geral, todos estavam unidos, não só de uma ou da outra equipe, mas todos, inclusive, entre as equipes. Isso é muito legal, é o que vale a pena.

Eloíse Capucho Forster
 Aluna do 2º ano – Ensino Médio (Turma M21)



Semeando atitudes que transformam.



Evento que mexe com todos

Geovana Gonçalves Nogueira
 Equipe Pactus
 Aluna do 2º ano
 Ensino Médio - (Turma M21)

Estou no 2º ano, é o último em que tenho oportunidade de participar da gincana. Em 2014, estarei me preparando para o vestibular e focando tudo nesse trabalho. Por isso, participei ativamente junto aos líderes da gincana do G9.

Esse meu envolvimento com os líderes da Pactus aconteceu naturalmente. Tenho amizade com o Caio Mikael e com a Eloíse Capucho, líderes da Pactus. Eles pediram minha ajuda no plane-

jamento e desenvolvimento das muitas atividades da gincana. Bom, como meu pai tem comércio e, ao acompanhá-lo, desenvolvi habilidades em administração, aceitei ajudá-los. Eu também gosto muito de estar à frente de projetos e atividades. Para mim, a gincana foi bastante prazerosa. Neste ano, em que estive mais à frente da gincana, acompanhei o que aconteceu por detrás das atividades. Percebo que a gincana

é muito bem organizada e válida para a escola. O clima é amistoso, as equipes não têm rivalidade. A gincana ajuda a descontrair, a relaxar, a interagir. De manhã e à tarde, quando voltava para a escola, os pequenos do Infantil e Fundamental I faziam tchau, chamavam de tia, nos reconheciam. Ah, isso é muito gostoso.

Enfim, a gincana é um projeto que mexe com todos. Adorei participar das atividades.

Hora para relaxar o corpo e a alma

Gabriela Carneiro Figueiredo
Equipe Sinensis
Aluna do 1º ano
Ensino Médio - (Turma M12)

A gincana é um dos melhores momentos do Curso G9, pois ajuda a ter uma confraternização com todos os membros da comunidade escolar. Isso é bom por vários motivos, o principal deles é que as atividades são realizadas ao final do 1º semestre, quando já estamos mais cansados. A gincana, então, vem para aliviar a tensão e relaxar o corpo.

Quero colocar aqui outros motivos que qualificam essa ati-

vidade. A gincana é uma delícia, pois ajuda a ter uma interação com todos os segmentos da escola, desde a Educação Infantil até o 2º ano do Ensino Médio. Eu gosto de ajudar, de interagir com todas as pessoas, gosto de trabalhar com as crianças do Infantil e do Fundamental I. A gincana nos liga a pessoas com as quais, normalmente, não temos contato, isso é muito interessante.

Este ano, eu me candidatei a ser uma das líderes da gincana, porque sempre gostei demais desse projeto do G9. Fui eleita e fiquei muito feliz, porque a experiência e a vivência que tive com as atividades e as reuniões de líderes me ajudaram a amadurecer a cada dia que passa.

No ano que vem, quero participar de novo. Tenho certeza de que será melhor do que neste ano.

Os pequenos ficam empolgados com as brincadeiras e o convívio com os maiores. Nesses dias, nós trabalhamos ainda mais para que a gincana seja um momento divertido para todas as idades. Realizar o “caça ao tesourinho” é cansativo, mas quando vemos as crianças indo atrás das pistas, tentando descobrir, rindo e se divertindo é compensador. E o mais importante é o desenvolvimento das crianças, elas aprendem a importância de participar, percebem como o trabalho que elas realizam também é muito importante para a equipe.

Maquella Mendonça da Silva
Assistente Pedagógica – Ensino Infantil e Fundamental I



Nós fazemos muitas brincadeiras com os alunos, os maiores voltam a ser crianças e até pedem para fazer com eles as brincadeiras que são feitas com os pequenos. Nós todos nos divertimos com as atividades e danças: é um momento para relaxar, sem deixar de desenvolver a coletividade e o trabalho em equipe. Nas brincadeiras, os alunos usam movimentos e regras que aprendem nos exercícios nas aulas de Educação Física. É muito importante eles colocarem em prática esses aprendizados. A minha experiência, de mais de 30 anos de profissão, junto com os demais professores, é muito importante para que as brincadeiras sejam sempre novas e agreguem valores a cada participante.

Valência Conti Duarte
Professora de Educação Física

Entrevista

Palestra com o vencedor do Prêmio Jovem Cientista de 2012, Rodrigo Gonçalves Dias, reuniu em torno de 250 pessoas, em 28 de junho. Ele veio a Itajubá a convite do Curso G9 e da Facesm (Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Sul de Minas). Durante duas horas, ele contou sua trajetória pessoal e profissional, que culminou com o reconhecimento da comunidade científica como o maior pesquisador, do país, em Genética e Esporte.

Além da palestra, que foi aberta ao público, Rodrigo Dias passou a manhã de sexta-feira no Curso G9. Ele se reuniu com turmas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio com dois objetivos: divulgar o Prêmio Jovem Cientista 2013 (que tem uma categoria para o Ensino Médio) e falar sobre Genética e Esporte, que é subtema de duas turmas para a Feira do Conhecimento do G9 – 1º ano do Ensino Médio (M11) e os 9º anos (F91 e F92).

Também encontrou tempo para responder a questões da entrevista ao lado, que foi feita pelos seguintes alunos: Jade Vieira, aluna do 2º ano do Ensino Médio (Turma M22); Thalliton Luiz de Carvalho da Silva, do 2º ano do Ensino Médio (M22); Isabella Baptista Santos, do 2º ano do Ensino Médio (M21); Carlos Eduardo de Almeida Batista, 9º ano do Fundamental II (F92); José Luiz Corrêa Junior, 9º ano do Fundamental II (F92); Henrique Perez Gomes da Silva, 8º ano do Fundamental II (F81); André Rodrigues Oliveira de Souza, 6º ano do Fundamental II (F62); Marcus Vinicius da Silva, 6º ano do Fundamental II (F62); e Marina da Silva Pereira, também do 6º ano (F61).



Bate-papo com o jovem cientista Rodrigo Dias

Jade Vieira – Vendo que nossos jovens ficam cada vez mais sedentários, em frente ao computador e outras tentações tecnológicas, tornando-se obesos mórbidos, procurando na maioria das vezes cirurgias bariátricas e coquetéis farmacológicos, é possível, através da genética, projetar o futuro dos filhos dessa geração?

Rodrigo – Uma das inovações mais aguardadas com os avanços em genômica é o seu potencial em prever o futuro. Estamos em progresso para, em breve, ao lermos o código genético de uma criança, termos condição de, com antecedência, classificá-la com maior, menor ou intermediário risco de ser obesa. A genética classificará, mas infelizmente não poderá alterar um eventual diagnóstico desfavorável de propensão à obesidade. No entanto, os pais terão um excelente estímulo para, desde o início da vida, estimular os filhos a terem hábitos de vida saudáveis, no sentido de minimizar os efeitos ou retardar o aparecimento ou até mesmo “tamponar” uma doença.

Jade Vieira – Através da genética é possível identificar qual o esporte que mais convém a cada tipo de pessoa, o esporte em que cada pessoa se adaptaria melhor?

Rodrigo – A genética diagnosticará aqueles com maior propensão para destaque em modalidades que exi-

gem força/potência ou modalidades que exigem resistência física. Nessas circunstâncias, a escolha da modalidade esportiva fica a critério do atleta/técnico que, se levar em consideração tais informações, poderá investir no treinamento para maratona ao invés dos 100m rasos, caso as mutações genéticas dessa criança favoreçam uma maior performance para resistência. Em resumo, a genética predirá a capacidade física e não a modalidade esportiva.

Thalliton Silva – Em sua matéria publicada no “Livro de Resultados – XXVI Prêmio Jovem Cientista”, você afirma que: “No caso de atletas, esse gene da NOS pode, possivelmente, ser utilizado na detecção de talentos esportivos, com base na análise genômica...”. Será possível, então, saber em quais esportes as pessoas vão melhor se adaptar e, também, quais os benefícios em relação à saúde que essas pessoas irão receber devido à prática do esporte indicado? Se sim, já existe algum projeto em andamento para fazer esses “testes” com as pessoas e descobrir quais são suas aptidões esportivas?

Rodrigo – Quando fazemos exercícios físicos, o organismo se adapta, melhorando a resistência muscular, a capacidade cardiorrespiratória, entre outros. No entanto, o grau dessas

adaptações será diferente entre indivíduos. Ou seja, sempre alguns irão se beneficiar mais dos exercícios físicos do que outros. O que nós estamos descobrindo, é o caso do gene da eNOS, é que algumas mutações em genes específicos podem tornar algumas pessoas mais propensas a desenvolver doenças cardiovasculares e metabólicas (como diabetes e obesidade) e que o exercício físico pode gerar benefícios distintos para essas pessoas. Em adição, no caso do gene da eNOS, uma criança portadora da mutação identificada por nós, poderia ter menor desempenho esportivo em modalidades que exigem resistência. O diagnóstico genético (testes) ainda está em fase de desenvolvimento e não deve ser aplicado com tal finalidade.

Thalliton Silva – Um dos problemas mais disseminados entre a população, atualmente, é em relação à obesidade. Levando em conta as aptidões esportivas de cada pessoa e a descoberta do gene da NOS, será possível ajudar ou até mesmo controlar os problemas em relação à obesidade?

Rodrigo – Existem mutações em genes específicos que foram identificadas e que podem influenciar a deposição e utilização (queima) da gordura armazenada dentro dos adipócitos (célula de gordura) e, conseqüentemente, a obesidade. Neste caso o gene da eNOS

tem mínima influência. De qualquer forma, esses estudos indicam que, em breve, parte das dificuldades para intervir e evitar a obesidade poderão ser mais bem controladas. No entanto, isso não necessariamente se traduz na não necessidade de disciplina que as pessoas deverão ter, principalmente em termos de dieta e exercício físico. A genética poderá apenas prever a maior ou menor facilidade para ganhar gordura corporal e as melhores estratégias para perder, no caso daqueles que já são obesos.

Isabella – Em nosso país, em que o incentivo à pesquisa ainda é menos do que o nosso potencial, quais são seus conselhos para buscarmos contribuição e apoio?

Rodrigo – A raiz dessa problemática é cultural e envolve questões políticas extremamente complexas. Não há como negar que os investimentos em ciência vêm crescendo. No entanto, o excesso de vaidades, os interesses pessoais de alguns e a corrupção tornam o progresso naturalmente lento em todos os contextos em que é obrigação do governo investir. Só nos resta produzir, evidenciar que temos potencial e aos poucos irmos lutando para minimizar os entraves.

Isabella – Como quebrar o preconceito que algumas pessoas podem ter em relação às pesquisas feitas por jovens cientistas, de que não são dignas de credibilidade?

Rodrigo – Normalmente a imagem de cientistas renomados é vinculada a um senhor em fase final de carreira profissional. De fato, a grande maioria daqueles que conquistaram relevantes reconhecimentos fazendo ciência o tiveram em estágios avançados da vida. No entanto, não conheço relatos de preconceitos contra jovens cientistas. Eu diria que o maior preconceito está normalmente relacionado à formação básica do cientista. Posso relatar, por experiência própria, que sofri expressivos preconceitos por ser graduado em Educação Física e desenvolver pesquisa na área de medicina esportiva.

Carlos Eduardo – Quando você participou do Jovem Cientista você achava que ia ganhar?

Rodrigo – É natural do ser humano “achar” que o que ele faz é sempre muito bom e que, no caso de uma disputa/competição, o prêmio/troféu deveria ser sempre dele. Eu sou um ser humano e comigo não foi diferente, porém, em fases anteriores da minha vida, levei muitos não, perdi muitas disputas e, conseqüentemente, me senti bastante frustrado em algumas delas. Criamos expectativas e mais uma vez “achamos” que os reconhecimentos devem sempre ser destinados a nós. Errado! Várias pessoas merecem reconhecimentos e precisamos saber

dividi-los, aliás, existe espaço para todos. Dessa vez, confesso que me mantive neutro e esperei o resultado sair. Graças a Deus, foi o meu momento!

Carlos Eduardo – Quanto tempo durou sua pesquisa e como você teve a ideia de pesquisar sobre a dilatação das artérias?

Rodrigo – Minhas pesquisas não têm fim. No entanto, para tudo que foi feito até o atual momento, foram gastos nove anos. No caso da hipótese elaborada para o estudo da vasodilatação muscular, foram seis meses estudando pelo menos 10 horas/dia para conseguir identificar uma lacuna (algo que não havia sido investigado) no contexto da genética, cardiologia e exercício físico. Especificamente para esse estudo, foram gastos quatro anos, já inseridos no total daqueles nove anos.

José Luiz – Por qual motivo escolheu o sistema cardiovascular para desenvolver suas pesquisas?

Rodrigo – Sempre me identifiquei com pesquisas na área de cardiologia e o fato de estar envolvido com elas dentro do Instituto do Coração – InCor, de São Paulo, favoreceu minha escolha pelo tema.

José Luiz – Sempre se interessou pela ciência? Teve alguma influência da família?

Rodrigo – Quando saí de Itajubá com destino a Campinas para cursar Educação Física, confesso que eu nem sabia o que era “fazer” ciência. Costumo dizer que o interesse e o gosto pela ciência foram ao acaso. Mesmo porque meus pais e familiares não são da área biomédica e dentro de suas especialidades não trabalham na área científica. Com exceção de um casal de tios, médico e enfermeira, mas que não influenciaram em absolutamente nada.

José Luiz – Quando se sentiu mais motivado a desenvolver pesquisas?

Rodrigo – Dois momentos contribuíram para o “tomar gosto” pela ciência. O primeiro foi quando tive acesso, apenas para conhecer, a um laboratório de pesquisa. Fiquei encantado com o que pude vivenciar. O segundo, o real motivador, foi quando, após algumas resistências, fui aceito no primeiro ano de faculdade como aluno de iniciação científica num laboratório de cardiologia. A partir daí, a motivação somente cresceu.

Henrique Perez – De acordo com a revista Super Interessante e o website G1, para se tornar um especialista em alguma atividade, por exemplo, no futebol, é necessário 10.000 horas de treino. Você acredita que com um gene do futebol é possível diminuir esse período?

Rodrigo – Este tipo de estimativa é a coisa mais grossa e generalizada que existe. Um detalhe extremamente complexo e que a grande maioria das pessoas tem dificuldade em fazer é traduzir uma linguagem científica para algo compreensível e passível de entendimento para o senso comum. Diferentes modalidades exigem formas diferentes do tempo de treinamento, de dieta, de genética, fatores psicológicos, entre outros. Não existe gene para o futebol, existem genes que modulam as capacidades físicas de força/potência ou resistência. Em adição, especificamente para o futebol, o fator habilidade pode até superar uma possível deficiência em qualquer dos fatores citados anteriormente.

André Rodrigues - Você enfrentou muitas dificuldades para desenvolver seu projeto?

Rodrigo – Muitas dificuldades! O raciocínio da questão anterior é perfeitamente aplicável aqui. Foram essas incontáveis dificuldades em meio às contáveis facilidades que me proporcionaram um desenvolvimento imensurável, a ponto de gerar condições para ocupar minha atual posição: comandar um grupo de pesquisadores trabalhando para um mesmo fim.

Marcus Vinicius – Você gosta de algum esporte? Qual?

Rodrigo – Optei por fazer Educação Física como consequência da afinidade que sempre tive com a natação, a corrida e o ciclismo. Nunca fui um atleta profissional, mas sempre dediquei parte do meu tempo a praticá-las. Atualmente, consigo marcar presença na academia nos dias em que estou em São Paulo e correr nos fins de semana, quando normalmente estou viajando para palestras e cursos.

Giuliana de Castro - Qual cientista o inspirou? Se pudesse, o que gostaria de perguntar para ele (ela)?

Rodrigo – Alguns renomados do mundo da ciência do esporte. Exemplo são Claude Bouchard, norte-americano especialista em genômica e exercício

físico, e Theodore Friedmann, norte-americano especialista em doping genético.

Marina Pereira - O que poderia fazer para ganhar o prêmio Jovem Cientista deste ano? Como?

Rodrigo – Para participar do PJC 2013 – Águas: desafios da sociedade é necessário ter um conhecimento apurado sobre o tema e a capacidade para redigir um projeto que irá “brilhar” aos olhos daqueles que estiverem o julgando. A criatividade, o potencial de contribuição para solucionar problemas referentes a águas e uma excelente redação do trabalho são os quesitos principais para se ter um trabalho bem avaliado. Mas lembre-se: essas são dicas para participar. Para ganhar, outros fatores devem ser considerados. Não se esqueça de que provavelmente outros mercedores estarão participando com você e, além disso, se for a hora certa para receber um reconhecimento desse gabarito na vida, não se preocupe pois ele será seu! No entanto, a única forma de saber é participando e aguardando o resultado. Boa sorte!

Henrique Perez – Como você se imagina daqui a 20 anos?

Rodrigo – Para aqueles que estiveram presentes em minha palestra, ouviram que: “o que planejo para o futuro, eu não conto para ninguém, nem para os meus pais”. Aprendi a não criar expectativas em minha mente, menos ainda na mente dos que estão ao meu redor. Em média, a cada dez investimentos que faço em todos os contextos, apenas um é finalizado com sucesso. Imagine se eu expusesse o que almejo para o futuro. Provavelmente seria julgado muito mais como fracassado do que um vencedor. Infelizmente, o que poucos sabem e conseguem compreender é que são as tentativas fracassadas que realmente contribuem para o crescimento, em todos os sentidos da vida.



Feira do Conhecimento

Parceria para a promoção da vida

Edson Gonçalves

Professor de Química
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

A Feira do Conhecimento do Curso G9, neste ano, tem como tema a "Matemática, modelando a vida". A modelagem matemática está presente na vida do homem desde os primórdios para facilitar a evolução humana, dentro de suas necessidades. A Feira divulgará para a sociedade a importância dessa modelagem para a evolução da ciência.

Nós, professores Edson, Patrícia e Thiago, estamos coordenando os alunos da turma M22 (2º ano do Ensino Médio), cujo subtema é a importância da modelagem matemática na Epidemiologia.

A Epidemiologia é uma ciência que analisa a ocorrência de doenças em massa, ou seja, em sociedades, classes sociais, grupos específicos, entre outros, levando em consideração diversas características ligadas à pessoa, ao espaço físico e também ao tempo. Assim, é possível determinar as medidas de prevenção e controle mais indicadas para o problema em questão.

Na primeira etapa do trabalho, os alunos desenvolveram uma pesquisa com o objetivo de compreender o conceito, a importância e as aplicações da Epidemiologia. Posteriormente, fez-se necessário uma pesquisa complementar, objetivando a compreensão da diferença entre epidemia, endemia e pandemia,



A enfermeira Eliane Quintanilha, o médico Lúcio Fioravante e o professor Tadeu Carlos durante seminário sobre a dengue

além da diferença entre doenças emergentes, reemergentes e permanentes. Os alunos relataram, ainda, as principais epidemias que marcaram a história do Brasil e do mundo. A pesquisa foi apresentada pelos alunos na forma de um seminário, com a participação da coordenadora Márcia.

Ainda nessa etapa, foi ministrada uma palestra sobre Epidemiologia pelo professor Tadeu, em que foram explicados os tipos de estudos epidemiológicos e algumas doenças infectocontagiosas, tais como a dengue, a cólera e a gripe A, dentre outras. Complementando a palestra, o diretor e professor Giovanni explicou aos alunos a importância da Matemática na evolução da ciência, através da estatística e da probabilidade.

Finalizando a primeira etapa da pesquisa, os alunos assistiram a um seminário sobre a Dengue, do qual participaram o professor Tadeu Carlos, um dos autores do livro de Biologia do Sistema Poliedro; o médico Lúcio Fioravante, coordenador do PSF da Secretaria de Saúde; e a enfermeira Eliane Quintanilha, coordenadora do Setor de Epidemiologia da Secretaria de Saúde. O conteúdo da palestra foi muito rico, pois nos conscientizou da necessidade da prevenção dessa doença, considerada uma epidemia mundial. Além disso, nos proporcionou mais esclarecimentos sobre a Epidemiologia e suas áreas de aplicação.

A próxima etapa do trabalho buscará compreender o comportamento dinâmico de uma epidemia e a importância dos

modelos matemáticos no controle ou erradicação das epidemias. Para tanto, fortaleceremos as discussões com o grupo da M22 e fizemos uma excursão à Fiocruz, em 9 de agosto, para conhecermos a história das epidemias no Brasil e o trabalho de pesquisa e fabricação de vacinas.

Enfim, a Feira do Conhecimento 2013 integrará a Matemática e a Biologia. Os modelos matemáticos contribuem com a Biologia, auxiliando no entendimento das relações existentes entre seus fenômenos e sua evolução. Por outro lado, a Biologia contribui para o desenvolvimento da Matemática, pois novas teorias matemáticas são elaboradas para lidar com fenômenos biológicos. É uma parceria fabulosa, que promove a vida.

Uma visita especial

Andressa de Souza Justino
Aluna do Pré-vestibular

Poder conhecer mais sobre o curso de Medicina foi muito especial. Ter a ideia de como funcionam os laboratórios, as aulas práticas e a grande responsabilidade que a Medicina impõe me fizeram ter certeza

da minha escolha.

Junto com outros alunos e acompanhados por uma funcionária da Faculdade de Medicina de Itajubá (FMIT), vimos alguns laboratórios e acompanhamos a preparação

para uma aula prática de cirurgia experimental.

Certamente, o ponto alto da visita foi explorar a Sala de Anatomia, mantendo o respeito pelos cadáveres, mas sem esconder a curiosidade

em ver ossos e órgãos.

Agradeço à Faculdade e ao Curso G9 pelo evento promovido, que permitiu aos alunos terem contato, mesmo que rápido, com o curso de Medicina.

Feira do Conhecimento

Modelos matemáticos para entender as enchentes

Caio Drummond de Oliveira Souza
Aluno do 1º ano – Ensino Médio
(Turma M12)

O coordenador do Núcleo de Gerenciamento de Enchentes da Unifei (Universidade Federal de Itajubá), professor Alexandre Barbosa, ministrou palestra para os alunos do 1º ano do Ensino Médio do Curso G9, em 4 de junho. Ele veio para orientar e complementar nosso trabalho de pesquisa, que está sendo produzido para a Feira do Conhecimento.

Através da apresentação, em data show, ele nos mostrou o funcionamento do site do núcleo sobre enchentes, com tecnologia desenvolvida pela própria Unifei. Além disso, revelou-nos, através de projeções em 3D, de imagens e de dados estatísticos, a complexidade do processo de controle das enchentes e a necessidade que toda a sociedade tem de conhecer e respeitar esse trabalho honrado que, por várias vezes, já ajudou a salvar vidas



O professor Alexandre Barbosa, da Unifei, durante bate-papo com os alunos do 1º ano do Ensino Médio

e pertences de moradores da região.

Ele, também, orientou-nos sobre a importância de um trabalho de apoio da Defesa Civil, do Plano Diretor, dos Bombeiros

e das demais autoridades itajubenses o qual vise minimizar as consequências das enchentes. Os alunos fizeram várias perguntas e o professor Alexandre atendeu com muita simpatia e

competência.

Agora temos mais subsídios para desenvolver nossa análise de Modelos Matemáticos aplicados ao sério problema das enchentes em Itajubá.

A construção de uma identidade gráfica

Anabel Faria Floriano
Professora de Arte

A criação do logotipo da Feira do Conhecimento do G9 é um trabalho desenvolvido, desde 2000, pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio. O processo começa com a preparação dos alunos sobre a linguagem publicitária, para que eles compreendam a necessidade das empresas de fortalecerem suas marcas num mercado cada vez mais competitivo.

Não é um trabalho fácil porque os alunos precisam criar a identidade visual do maior evento da escola: a Feira do Conhecimento. Como acontece todos os anos, tudo começa com a escolha do tema e a definição do slogan. É preciso esperar, então, que os alunos iniciem as pesquisas e se familiarizem com o tema. Com base no conhecimento adquirido, eles começam, de fato, a etapa de

criação do logotipo.

Os alunos trabalham em duplas no Laboratório de Informática da escola. Eles recebem um treinamento para trabalhar num programa de criação de imagens.

O trabalho é desenvolvido nas aulas de Arte sob a supervisão da professora e dos funcionários do laboratório. Quando os logotipos estão prontos, eles são entregues para que

seja feita a escolha através de votação. São selecionados os cinco trabalhos que irão para uma urna eletrônica. Todos os alunos, da Educação Infantil até o 2º ano do Ensino Médio, fazem a sua escolha no dia da votação. O logotipo mais votado terá a responsabilidade de identificar visualmente o tema da Feira do Conhecimento do Curso G9.

Olimpíadas

A Astronomia de maneira lúdica e experimental

Camila Aparecida dos Santos Pereira

Professora de Ciências – Ensino Fundamental I e II

Nos meses de março, abril e maio foram realizadas, em nossa escola, atividades preparatórias e a prova da XVI Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA). Ela é realizada anualmente pela Sociedade Astronômica Brasileira (SAB), pela Agência Espacial Brasileira (AEB) e pela Eletrobras/Furnas, e destina-se a estudantes do Ensino Fundamental e Médio de todo território nacional. Seu objetivo principal é difundir a Astronomia e a Astronáutica a fim de estimular o interesse de crianças e adolescentes não só a essas ciências como às áreas afins.

Assim, a organização da OBA se compromete a ir além de apenas fornecer os conteúdos programáticos a cada nível. São sugeridas atividades práticas para serem realizadas pelos estudantes e professores no momento de preparação para a prova, o que possibilita a construção do conhecimento pelos alunos envolvidos.

Este ano, tivemos aulas preparatórias para estudantes do Ensino Fundamental I no período da manhã e para os do Fundamental II no pe-

ríodo da tarde. Nessas aulas, além de conceitos teóricos, foram trabalhadas atividades propostas pela organização da olimpíada, as quais serviram de base para a realização da prova.

Com atividades lúdicas e experimentais, muitas realizadas em grupos, de maneira colaborativa, os estudantes puderam ter contato com a Astronomia de forma mais próxima a suas experiências cotidianas e construir o conhecimento a partir de sua própria experimentação.

Dentre as atividades propostas, houve, em 9 de maio, a VII Mostra Brasileira de Foguetes, com a participação de estudantes do Ensino Fundamental I e II. Essa atividade ocorreu no período vespertino, e as turmas do 3º ao 5º puderam prestigiar o lançamento dos foguete, um momento bastante empolgante e divertido.

Para a realização da prova, contamos com a participação de nossos alunos nos quatro níveis. Os resultados foram enviados para a organização do evento para a classificação nacional.

Matemática sem medo

Ana Paula Siqueira Rosa

Aluna do 7º ano – Ensino Fundamental II (Turma F72)

Números estão presentes em todos os lugares. Engraçado como os usamos no dia a dia e nem percebemos. E eu pensava que não gostava de Matemática... Não sei se já aconteceu com você, mas, quando o professor propõe uma conta gigante ou até mesmo pequena, dá uma preguiça danada.

Às vezes, ter interesse pela Matemática é realmente difícil. O que me despertou para ela foi uma história muito legal que meu pai me contou do livro "O homem que calculava", de Malba Tahan,

o qual envolve muito o uso da Matemática.

Aos poucos, fui percebendo o quanto a Matemática apoia as outras Ciências a se desenvolver, como a Astronomia, a Física, a Medicina e talvez a maior representante de todas, a temida Engenharia.

Ao saber da realização da OBM, resolvi participar porque seria uma maneira de despertar em mim ainda mais o gosto pela Matemática, sem aquele "pavor" que, às vezes, temos da tal conta gigante ou até mesmo do professor.

Alunos do Curso G9 também testaram seus conhecimentos na Olimpíada Brasileira de Biologia



Victor Bourdon



Preparação para as provas contou com aulas especiais e atividades como a feitura de foguetes caseiros

Para mim, como professora, tem sido a cada ano mais gratificante. Os estudantes se sentem estimulados à pesquisa e sinto enorme orgulho,

principalmente, ao final das atividades, quando eles já querem saber quando começarão as aulas da OBA no próximo ano.



Trabalhar desafios matemáticos foi a maneira do grupo de preparar para a OMB 2013: desafios superados

Se faço, compreendo

Ana Paula de Souza
Professora de Matemática
Ensino Fundamental II

Os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II (Turmas F61 e F62) tiveram, em duas semanas seguidas, aulas divertidas de geometria: trabalhamos com a brincadeira cama-de-gato e com o quebra-cabeça tangram para fixar os assuntos abordados nas aulas.

A cama-de-gato é uma brincadeira infantil, antiga e muito simples, pois o material necessário é um pedaço de barbante ou qualquer outro tipo de fio preso às mãos. O objetivo é conseguir passar o barbante para a mão de outra pessoa, mudando o desenho, mas sempre recuperando a forma de “X”. Por meio dessa brincadeira, os alunos puderam fixar os conceitos aprendidos sobre posições relativas entre as retas paralelas, concorrentes perpendiculares e concorrentes oblíquas. Foi uma atividade divertida de união entre eles, pois alguns já a conheciam e foram ajudando os outros.

O tangram é um quebra-



Alunas conferem trabalho de tangram realizado pelas turmas do 6º ano durante aula de Matemática

-cabeça inventado pelos chineses e é constituído por sete peças que podem formar diversos desenhos. O tangram foi utilizado para trabalhar o conceito de regiões planas. Assim foi possível fixar o que tinham aprendido de uma forma lúdica e prazerosa. Essa atividade foi trabalhada em dupla. Cada uma teve que manusear as peças do tangram e formar com elas outras regiões

planas; depois, a dupla precisou solucionar um desafio, montar um quadrado com as sete peças e, por fim, cada aluno montou a sua figura com o tangram. Esse momento, os alunos adoraram, pois utilizaram a sua criatividade e trabalharam conceito de Geometria. Os trabalhos dos alunos foram expostos no ambiente da escola, para todos verem o que realizaram.

Por meio dessas atividades simples e ao mesmo tempo ricas, os alunos puderam fixar conceitos aprendidos de maneira diferente e divertida. Sabemos que aprender brincando não é mais um clichê e que a Matemática tem muitos caminhos possíveis. Como diz um antigo provérbio chinês: “Se ouço, esqueço; Se olho, recorro; Se faço, compreendo”.

Conhecimento à prova

Raquel Maria Riêra Maia
Aluna do 3º ano – Ensino Médio
(Turma M31)

Em maio deste ano, duas equipes se inscreveram no Web Jogo para representar o Curso G9 na competição virtual criada pela da FACAMP (Faculdades de Campinas). Na primeira fase, a intenção era que as equipes de uma mesma escola competissem entre si para que esta tivesse apenas um representante nas fases finais.

O jogo consiste em responder, num tempo máximo de três horas e meia (das 14h às 17h30), um total de 20 questões de co-

nhecimentos gerais e 3 enigmas. A cada erro em uma questão, deixa-se de ganhar 100 pontos, sendo que cada uma delas vale 1.000, o que torna o desafio um grande exercício de cautela e atenção absoluta no que se está fazendo. Esses 20 problemas, extremamente difíceis, variavam quanto aos temas – todos relacionados ao século XX – e quanto ao tipo de pergunta e resposta, não havia um padrão ao qual se ater. Os enigmas, por sua vez, começavam com uma

dica para que fosse descoberto o personagem com as características fornecidas, havia perda de 1.000 pontos a cada dica revelada. Com certeza, deu para se perceber o grau de dificuldade com o qual nos deparamos.

A equipe SHARRP (Samuel, Achilles, Renan e Raquel, orientada pela professora Patrícia Ribeiro) passou para a segunda fase e concorreu com a equipe Brainstorm It (Bruna, Carolina, Mateus, Nickson e Lucas Aoun).

Tive o prazer de participar do

Web Jogo com a equipe SHARRP e achei incrível a dinamicidade da competição. Infelizmente, nenhuma equipe foi representar o G9 na última fase, que aconteceu em Campinas, mas foi realmente bom ter participado. Sem dúvida alguma, tentaremos chegar mais longe no final do ano, quando acontecerá a próxima edição do Web Jogo. Quem sabe, então, conseguiremos resolver o intrincado e divertido quebra-cabeça que é essa competição.

Tiras em língua inglesa

Maria dos Anjos

Professora de Língua Inglesa – Ensino Fundamental II

As histórias em quadrinhos sempre atraíram o interesse de crianças, de adolescentes, de jovens e de adultos por apresentarem leitura atraente, linguagem simples, histórias curtas e, principalmente, pela presença das ilustrações.

Para verificar se a atividade de criar uma história em quadrinhos, em inglês, causaria esse mesmo interesse, os alunos dos sextos anos, turmas F61 e F62, foram consultados. A receptividade foi total. Proposta acatada, partimos para a sua concretização.

O trabalho foi desenvolvido em etapas. Os alunos pesquisaram a origem das HQ, buscaram informações sobre a primeira história e seu criador, conheceram o país de origem desse gênero textual e como elas eram feitas. Após as discussões sobre as pesquisas, partimos para a etapa seguinte: estudar os elementos

de uma HQ. Foi analisado como se cria o cenário, como se constroem os personagens, como se desenvolve o enredo, como se montam os tipos de balões, como se usam as onomatopéias, como se formam as tiras e como se escolhe o título.

Finalmente, o momento mais esperado, a criação das histórias. Os alunos foram divididos em grupos. Cada grupo ficou responsável por uma revista, a qual deveria conter uma história de cada membro dessa equipe.



Páginas da história em quadrinhos desenhada e escrita pela aluna Ana Luisa C. Carpinheiro, do 6º ano do Ensino Fundamental II (Turma F61)

As tarefas a serem executadas foram: criação e ilustração da história, elaboração da capa e a escolha do nome da revista.

O compromisso e envolvi-

mento dos alunos contribuíram para o resultado final que foi lido e apreciado por todos.

Divirtam-se! *Enjoy yourselves.*

Diferente, dinâmica, divertida

Rodrigo Costa Pacheco dos Santos
 9º ano – Ensino Fundamental II
 (Turma F91)

Diferente, dinâmica e divertida. É assim que posso descrever nossa aula com a professora Pollyanna (Biologia) e o professor Edson (Química). Fizemos dois experimentos: extraímos o DNA de morangos, utilizando produtos químicos que temos em casa e depois fizemos uma montagem esquemática de DNA com arame e balas de goma.

A atividade foi realizada com as duas salas de 9º ano, ao mesmo tempo, no pátio da escola, onde ficam as mesinhas de xadrez. Cada

equipe ficou numa mesa e foi seguindo as instruções dadas pela professora Pollyanna, enquanto o professor Edson fazia o acompanhamento para ver se estávamos precisando de ajuda.

Aulas assim são importantes, pois é mais fácil aprender na prática. Vemos realmente aquilo que estamos estudando e não ficamos presos às imagens dos livros. Desse modo, todos acabam participando e se interessando pelo conteúdo. A aula passa depressa, é gostosa e, o mais importante,

aprendemos!

Antes de iniciarmos o experimento, estávamos muito ansiosos para ver como era o famoso DNA. Quando esse se apresentou, ao final do procedimento, foi muito interessante! É um emaranhado branco que conseguimos tirar da solução com palitinhos de dente, podendo vê-lo ainda mais de perto. Tão simples e ao mesmo tempo tão complexo!

Para esquematizar o DNA, utilizamos dois pedaços de arame fino, balas de goma de quatro co-

res diferentes e palitos de dentes. Prendemos cerca de dez balas em cada arame, de acordo com as orientações da professora Pollyanna, depois ligamos os arames e prendemos as balas com os palitinhos numa ordem sequencial. Ao final torcemos o arame para formar o modelo de dupla hélice.

Como já disse penso que é excelente esse tipo de aula. Ajuda muito fixar a matéria, entendê-la e visualizá-la melhor. Resumindo: foi muito interessante!

Sustentabilidade

Marcos E. C. Bernardes
Pai da aluna Flora
Jardim II (Turma E51)

Sacolas plásticas: o centro da discussão?

Sim, concordo que devemos repensar o uso indiscriminado não só das sacolas plásticas, mas também de todo e qualquer produto ou serviço que nos é oferecido. As famosas e familiares sacolinhas representam apenas parte dos desafios que devemos encarar no relacionamento com nosso planeta. Afinal, engana-se quem acha que o maior prejudicado com atitudes não sustentáveis será o planeta ou o meio ambiente. Não, quem corre maior risco nessa jornada somos todos(as) nós, humanos(as). Já está claro que os recursos naturais disponíveis são finitos e devem ser utilizados com responsabilidade, sua, minha, nossa. Nesse debate saudável, será que as sacolas plásticas são vilãs ou heroínas?

Parece-me que talvez a pergunta nos leve a argumentos simplistas demais para compreendermos como queremos viver daqui pra frente. O conceito de sustentabilidade, tão presente no nosso cotidiano, baseia-se em pressupostos que nem sempre são compreendidos - ou pior, praticados. Elementos importantes como educação, integração, cooperação e responsabilidade estão intimamente vinculados à aproximação entre economia, sociedade e ambiente. Essa tal sustentabilidade passa também

por mudanças culturais, pois do contrário, não seremos capazes de sair de nossas zonas de conforto para sermos melhores e mais responsáveis a cada dia. Por outro lado, esses hábitos são mudados da noite para o dia?

No caso de Itajubá, tem havido uma discussão sobre a proibição do uso de sacolas plásticas no comércio em geral. Apoio esta decisão em sua essência, mas parece-me que a forma poderia ter sido aprimorada. Afinal, essas alterações de comportamento levam tempos diferentes para acontecer para cada pessoa. Além disso, o dito popular fala em ensinar e aprender pelo amor ou pela dor. Pois bem, aqui acho que está o equívoco na forma como essa decisão foi tomada.

As mudanças devem ser feitas inicialmente pelo estímulo à educação, orientando a população sobre as alternativas às sacolas plásticas, aos prós e contras do seu uso, assim como quais os benefícios que a sociedade terá com uma eventual proibição, como a tão desejada, mas pouco transparente, redução do custo de vida nos produtos e serviços com consumimos. Será que já nos damos conta de que toda e qualquer atividade humana causa impactos econômicos, ambientais, sociais, culturais, sejam eles positivos

ou negativos, duradouros ou passageiros? Que talvez não existam produtos, serviços, energias “limpas” e que o mais apropriado seja chamarmos de menos “sujos”? Por exemplo, se as sacolas plásticas forem proibidas, quais os impactos positivos e negativos das alternativas que teremos? Na vida, sempre haverá as vantagens e desvantagens...

Em uma fase seguinte, com a participação da população e dos órgãos de fiscalização, aí sim seria o momento de se restringir o consumo perdulário, insustentável das sacolinhas plásticas e de tudo mais o que nos é oferecido na forma de uma avalanche por cada vez por algo que dura cada vez menos. Em outras palavras, é o que se chama de produção e consumo conscientes. Como a natureza nos ensina há tanto tempo, precisamos aprender a fazer com que os ciclos tenham início, meio e fim, para então haver o recomeço.

Por fim, sugiro que as sacolas plásticas sejam um dos pontos de partida para que se discuta que vida queremos ter, com as inevitáveis vantagens e desvantagens nas decisões que tomarmos como indivíduos, grupos e sociedade em geral. E aí, talvez, possamos compreender que nós mesmos somos os(as) protagonistas do nosso amanhã.



RELEITURA - Desenho feito pelos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I dentro do Projeto de Literatura. A turma trabalhou a obra *A velha misteriosa*, da autora Ana Maria Machado.



DIA DO MEIO AMBIENTE – “Quem polui, destrói a natureza. Quem destrói a natureza, destrói a própria vida”. A frase é das alunas Giovanna Paris de Oliveira Branco e Gabriela Gassetta Batista, do 5º ano do Ensino Fundamental I (Turma F52), como resultado do trabalho desenvolvido pela professora Ana Cláudia Moreira. Ela explica a proposta: “Após o término de duas unidades do livro didático, os alunos deveriam escolher o tema mais interessante que haviam estudado e confeccionar um cartaz para uma exposição na escola. A maioria resolveu fazer cartazes de conscientização sobre a preservação do ambiente”.

Manifestações Populares

Percursos da **democracia** brasileira

Petrus Rizzetto

Professor Sociologia e Filosofia
 Ensino Médio e Pré-vestibular

Desde o início de junho, a classe política brasileira assiste estarrecida às manifestações sociais que arrebatam o país. Muitos se impressionam com a violência do movimento, uns com a falta de um foco reivindicatório e a falta de uma liderança, outros tentam vincular o movimento a uma articulação partidária oportunista da oposição. São muitas as interpretações, são muitos os interesses envolvidos, mas, principalmente, são muitos os privilégios em jogo.

Realmente, o que surpreende é a projeção de tal fenômeno, talvez nunca imaginada até pelo próprio cidadão participante dessas manifestações, já que é recorrente o discurso de que o brasileiro não possui memória e/ou consciência política. Será?

Nossa República só começa a ganhar ares democráticos a partir de 1930, com a inclusão de vários setores sociais antes subjugados pelos interesses oligárquicos, mas era uma participação totalmente controlada pelo Estado. A modernização econômica alinhou o Brasil às conjunturas econômicas internacionais, porém, gerou sérios problemas sociais internos; de lá

para cá, a industrialização, o êxodo rural e a urbanização descontrolada concentraram renda, terras, e agravaram as desigualdades sociais.

Paradoxalmente, o discurso governamental afirmava que tudo o que se fazia era pelo povo, e foi desta contradição entre realidade e populismo que se justificou o golpe militar de 64: a “revolução democrática” resolveria os problemas sociais, econômicos e políticos. Durante a ditadura, o brasileiro, que outrora começara a se politizar, foi doutrinado à passividade política. Campanhas governamentais como “Brasil, ame-o ou deixe-o”, somadas à repressão e à censura, ou até mesmo a discursos morais como “O Brasil é uma terra sem males e de povo pacífico”, acabaram por incutir em parte da população uma cidadania alienada de seu poder político e, consecutivamente, dependente do dirigismo estatal.

Com a abertura política, as necessidades da democracia substituíram essas ideologias pela crítica à alienação política do brasileiro. O sistema era novo, mas o cidadão não, muitos entendiam que a participação popular se reduzia ao processo eleitoral. A consciência



política parece ter-se reduzido a última grande exigência popular do país, pois se exigia o direito de voto

e, como o conseguiu, o povo se deu por satisfeito. O processo eleitoral ao longo dessas últimas duas dé-

Rugby

Cerimônia marca **criação oficial do Mantiqueira**

Cerimônia realizada na quadra poliesportiva do Curso G9/ Facesm marcou a oficialização do Mantiqueira Rugby Clube, em 15 de junho. O evento reuniu a direção das duas instituições de ensino, representantes dos patrocinadores, pais e atletas. Logo após, o time itajubense recebeu o Varginha Rugby Clube para duas partidas amistosas: cada time venceu um confronto.

“Estamos muito felizes e gra-

tos pelo apoio recebido. Com os parceiros será possível incluir até cem crianças e adolescentes no clube”, explicou o treinador François Lefebvre. “É um sonho que se torna realidade em pouco tempo. Mais do que oferecer a oportunidade de uma prática saudável de lazer, o esporte ensina valores para a vida”, completa Sandro Assis, que é coordenador do clube e pai dos alunos do Curso G9, Bruno (F81) e Felipe (F91) –

ambos integram o Mantiqueira.

O projeto Rugby nasceu, há um ano, no Curso G9, como um projeto pedagógico para integrar os alunos franceses que estudam no colégio e logo ganhou apoio da Facesm (Faculdade de Ciências Sociais do Sul de Minas). A prática desse esporte cresceu, agregou alunos de escolas públicas e atraiu novos parceiros: Helibras, Contexto Assessoria em Comunicação, confecção Clara Assis e Prefeitura

de Itajubá. O time itajubense tem apoio institucional da Facesm e do Curso G9 – que cederam espaço para a sede do clube, disponibilizam campo e quadra para treinamentos, parte do material esportivo e espaço para o almoço no clube.

“Simplicidade, aliada com a capacidade de fazer acontecer. Foi isso que encontramos desde o início, quando começamos a apoiar o clube”, disse Júnior Fraga,

cadase transformou num festival nacional de abnegação popular de seu poder político, o que bastava aos políticos, que pouco fizeram para alterar essa situação.

Neste fato, respalda-se toda a importância dos movimentos atuais: eles demonstram, a despeito do descaso do Estado e dos discursos ideológicos, que a população ou é consciente ou cansou de tentar se inserir em um sistema

hermeticamente criado para não permitir ao povo sua conscientização e participação. Ademais, as manifestações demonstram a verdadeira face da história e da sociedade brasileira: resistência indígena e negra, movimentos nativistas, movimentos anticoloniais, revoltas regenciais, movimentos messiânicos, movimento tenentista, movimentos sociais. Talvez não se queira assumir que nossa

história foi escrita com sangue e diversidade ideológica, mas se deve reconhecer que, no mínimo, foi escrita com o suor da luta dos excluídos.

Ainda hoje a luta não cessou, a criticada falta de foco das manifestações é a prova patente da falência das instituições políticas brasileiras e não demonstra desorganização, mas sim estafa, graças a uma realidade social desfavorável

até então a uma maioria. Junho de 2013 já entrou para a história e para a memória brasileira, não pela Copa das Confederações, tampouco pelas manifestações em si, mas pelo despertar de uma consciência política há muito desejada por nós e que não devemos deixar ser sufocada.

E para não dizer que não falei das flores, caminhando e cantando esperamos nossa “primavera”.

O poder e o perigo do gigante

Gustavo Di-Lorenzo Villas Boas
Aluno Pré-vestibular

O Brasil acompanhou uma gigante onda de manifestações no mês de junho. Foi um momento ímpar e belíssimo, protagonizado por uma geração que era tida como conformada e “ativista de sofá”, por nunca ter feito cobranças ao poder público fora das redes sociais.

O número de pessoas nas ruas, que passou de um milhão, causou mudanças rápidas, assustou a classe política e acelerou um Congresso que funcionava de forma lenta e burocrática. Porém, é importante não se esquecer de que poder sem responsabilidade é extremamente perigoso.

A grande multidão que tomou as ruas criou uma descentralização do debate - que até então era focado no transporte público gratuito - além de ter dissolvido as lideranças da movimentação, com um equivocado discurso contra bandeiras



Yasmin Passos

de partidos. Vale lembrar que, apesar do “gigante” ter acordado agora, há partidos políticos e grupos sociais organizados que estão na rua há anos, sempre repreendidos pela típica truculência da Polícia Militar e pela institucionalização da cobertura midiática. A massa que toma as ruas, apesar de bem intencionada, tornou-se alvo de diversas tentativas de manipulação -

principalmente por parte da mídia e de grupos políticos conservadores. Quem vai às manifestações precisa de atenção e cuidado. É necessário entender como seu país funciona, para então poder lutar para que ele opere melhor.

Cabe, aos manifestantes, atenção ao discurso que divulgam e uma reflexão constante sobre o que compartilham. Talvez a ideia

que chega a um indivíduo bem intencionado venha de um grupo mal intencionado, tentando usá-lo como ferramenta para alcançar interesses de terceiros.

Dentre todas as formas de manipulação, o ufanismo é a mais perigosa. Estimula-se um fervor patriótico na massa para que ela abrace com vigor a luta pelo seu país, deixando de lado a razão. O alvo de quem vai às ruas deve ser de melhorias sociais, exclusivamente, para a população. Gritar por pessoas é mais bonito que cantar o hino. Vestir a cor da sua causa é melhor que vestir verde e amarelo. Afinal, a história é a maior prova de que quem luta pela pátria geralmente é diferente de quem luta pelo povo.

O gigante acordou, atordoado e ainda sem direção. Cabe à minoria informada lutar para que ele ande por um caminho seguro.

Equipe técnica e parte dos patrocinadores durante evento; lance do jogo treino com o Varginha Rugby Clube

da área de Esportes da Prefeitura. “Estamos felizes em integrar esse projeto, que abre espaço para um esporte muito popular na França. Nossa empresa, com seu plano de expansão, já trouxe 40 famílias francesas para Itajubá”, afirmou Ana Renó, vice-presidente administrativo e RH da Helibras.

O Mantiqueira Rugby Clube é formado por 25 alunos, do Curso G9 e de escolas públicas de Itajubá – Escola Estadual Carneiro

Júnior, Escola Estadual Major João Pereira, Escola Estadual Antônio Rodrigues de Oliveira (Escola Polivalente). Também há alunos de colégios particulares.

“O Rugby é um esporte muito legal porque faz prevalecer a equipe. Também gosto da interação que há entre os atletas e a equipe técnica”, disse o aluno Artur Braga, do 2º ano do Ensino Médio (turma M21), que participa do time desde o início.



Cineclube

O limite da ética

André Aoun Montevechi
 Aluno do 2º ano – Ensino Médio
 (Turma M21)

O filme “Tráfico de Órgãos” apresenta um drama de proporções reais sobre um assunto delicado no que diz respeito à ética e mostra, desde o início, ser um breve retrato da realidade contemporânea. O protagonista, Paul Stanton, toma decisões questionáveis ao longo da história, motivado a salvar sua filha que morre aos poucos devido a uma doença pulmonar degenerativa.

O enredo revela, já em seu início, a posição social do protagonista, que trabalha no ramo do Direito, o senso comum já sugere que o promotor público seja ético. Essa suposição está correta, até que a situação de Chloe, filha de Paul, atinge níveis preocupantes, levando-o a uma única solução que envolve ações um tanto diferentes das de costume.

Ainda no início do drama, vendo que sua filha não conseguirá um transplante a tempo, Paul age de maneira que sua própria profissão julga incorreta. Sem permissão, tem acesso a dados médicos confidenciais e descobre que uma personalidade política recebeu um transplante ilegalmente. Desesperado, recorre ao conhecido em busca de instruções, sem saber o perigo do tráfico de órgãos.

No México, em busca do encarregado pelos transplantes ilegais, Paul passa por situações graves, mas prossegue firmemente no seu propósito. Numa visita a um médico local, tem um comportamento ético ao ver crianças no mesmo estado de sua filha e ao refletir sobre o valor da vida. Finalmente, após correr

muitos perigos, o protagonista encontra o responsável e agenda o transplante.

Nos momentos finais, pensando estar tudo resolvido, Paul se choca ao descobrir a verdade por trás do tráfico de órgãos: crianças locais eram mortas para a obtenção do que fosse necessário. Isso o leva a um impasse: a vida de um pobre garoto ou a de sua filha, mesmo sabendo que se o garoto sobrevivesse, provavelmente, seria morto com o tempo.

A escolha de Paul, confrontando a da esposa, é salvar a vida do pequeno desconhecido, o que nos leva a concluir que o protagonista permaneceu ético e moral, reforçando a igualdade de todos e evitando sentir-se culpado pela morte de um menino que merecia viver tanto quanto sua filha.

VISITA – O Curso G9 recebeu a visita do peruano Benjamim Gutierrez Gonzalez, mestre de Wushu do professor Silvio Kato. A arte marcial foi implantada neste ano pelo colégio como uma opção para os alunos na aula de Educação Física.



Eu e o Proerd

Segurança para ser um adulto responsável

Ana Laura Bastos
 Aluna do 5º ano - Ensino Fundamental I
 (Turma F51)

Proerd: um programa importante que me ensinou a viver sem me preocupar com as drogas. Como o nome diz: Programa Educacional de Resistência às Drogas, ele ensina às crianças e aos jovens resistir à pressão e dizer não às drogas.

O Proerd me deu segurança de poder me tornar um adulto responsável e lutar contra as drogas.

Aprendi que se sei que aquele lugar tem pessoas drogadas ou algo do tipo devo ficar longe dele e delas. Sei que se alguém me oferecer drogas devo dizer não, sair

de perto e comunicar a alguém: polícia ou algum responsável.

Cigarro, maconha, álcool e inalantes são as principais drogas, e uma das mais caras é a “escama de peixe” (maconha pura). Todas as drogas afetam quase todo o nosso corpo e podem matar.

Você, jovem, adulto, criança ou idoso, deve prestar atenção em tudo e em todos ao seu redor. Diga NÃO às drogas! Faça com que sua vida fique ainda melhor, mais saudável e feliz! Lute contra as drogas e salve a humanidade! Fique esperto! Faça a diferença!

Consciência para tomar decisões certas

Arthur Nogueira Machado
 Aluno do 5º ano - Ensino Fundamental I
 (Turma F52)

O Proerd é baseado em um programa americano contra as drogas que foi adaptado para o Brasil. Ele ajuda as crianças e os adolescentes a ficarem longe das drogas.

A importância desse programa é que ele nos faz sentir seguros. Eu aprendi que o Modelo de Tomada de Decisão nos faz decidir o que iremos fazer. Eu também aprendi sobre várias drogas e seus males à saúde. Algumas dessas drogas são: cigarro, maconha, inalantes, bebidas alcólicas. Eu aprendi como escolher um amigo: um bom amigo é a pessoa que nos ajuda, nos dá conselhos.

Acho muito importante ficar longe das drogas porque se você ficar perto de pessoas que usam ou usaram drogas, você vai ser uma pessoa estranha, isolada, e longe da sua família e sem amigos.

O Proerd nos ajuda porque você fica mais consciente para tomar decisões no futuro como: não usar drogas.

Sendo uma pessoa que cursou o Proerd, o meu recado é que aprendam a tomar decisões e a escolher seus amigos e a valorizar a vida para se manter longe das drogas.

Seminário Pré-sal

O petróleo é nosso?

Isaías José de Carvalho Júnior
Aluno do Pré-vestibular

O Curso G9 promoveu, em 16 de maio, o 3º seminário do ano, evento direcionado aos alunos dos terceiros anos e do pré-vestibular que tem por finalidade melhorar o desempenho nos vestibulares, mas, principalmente, desenvolver o senso crítico e formar cidadãos.

O assunto abordado foi o “petróleo”, o tema “Pré-Sal”, e os convidados para debatê-lo foram os professores José Luiz Gonçalves, especialista em Meteorologia, da Unifei; Hector Gustavo Arango, diretor da FACESM; e o historiador Petrus Ferreira Ricetto, do Curso G9.

O professor José Luiz compartilhou seus conhecimentos técnicos e científicos, dando uma palestra sobre o pré-sal, mostrando a região do Brasil em que se encontra esse petróleo, a profundidade em que está localizado e as dificuldades para se ter acesso a ele e explorá-lo. Falou também sobre o pioneirismo

tecnológico brasileiro para superar esses obstáculos e, por fim, alertou a respeito do “mal holandês” (consequências negativas enfrentadas por países que basearam sua economia no petróleo e deixaram de investir em outras áreas).

Petrus Ricetto analisou a importância histórica do petróleo, desde a época em que era utilizado apenas para impermeabilizar cascos de navios até hoje, quando é a principal fonte energética mundial, passando por sua descoberta como combustível e pelas crises da década de 1970, que abalaram a economia mundial, principalmente a brasileira.

Como o assunto já estava bem colocado, o professor Hector, responsável por abordar os aspectos econômicos que envolvem o petróleo, não viu necessidade de alongar-se e apenas destacou alguns pontos já citados pelos outros professores.



Os professores Hector Arango (Facesm) e José Luiz (Unifei) foram os convidados para debater o tema com os alunos

Em seguida, a professora Marcia Gil deu início ao debate. Os professores discutiram sobre os principais temas referentes ao petróleo, como a questão energética, a poluição, o aquecimento global, e responderam às perguntas feitas pelos alunos.

A discussão foi tão interessante que extrapolou o horário, tendo

que ser encerrada para não descumprir o programado. Foi uma pena, pois não é sempre que se veem pessoas tão inteligentes e bem informadas discutindo sobre um assunto tão importante e atual. É uma oportunidade única, que deveria ser aproveitada por todos que almejam ingressar em uma universidade.

A salvação

Bruno Sales
Aluno do 1º ano – Ensino Médio (Turma M11)

Em um quentíssimo dia de verão, véspera de feriado nacional, resolvemos ir ao banco checar nossas ações e joias guardadas no cofre.

Chegando ao banco, estava lotado. O gerente pediu-nos para aguardar que ele já iria nos atender.

Sentamos em uma cadeira perto da porta de entrada. Vimos muitas pessoas entrando, inclusive um padre todo vestido de preto e com um guarda-chuva nas mãos.

O ar-condicionado do banco havia quebrado e minha dona me tirou da coleira para que eu pudesse andar pelo banco.

Eu estava passando pelos guardas e cumprimentando-os, até que vi o tal padre que entrou, indo em direção ao corredor dos cofres. Resolvi segui-lo e vi que ele sacou uma arma de seu guarda-chuva e atacou os dois seguranças.

Como, depois da cirurgia que fiz, não consigo mais latir, saí correndo e comecei a pular em

minha dona, que estava começando a falar com o gerente, mas como toda modelo, ela também tem pernas altas e foi difícil chamar sua atenção. Comecei a puxar o vestido dela, mas ela nem ligou, aí fui atrás de um guarda e comecei a puxá-lo até ele sair correndo atrás de mim.

Minha dona viu o guarda me perseguindo e foi me pegar. Todos chegamos ao corredor dos cofres bem na hora em que o padre iria arrombar o primeiro cofre.

O padre se assustou e derubou sua arma no chão. Fui correndo e apanhei a arma antes que ele a pegasse; nisso, o guarda já havia chamado reforços e conseguiram prender o padre.

Minha dona tornou-se a modelo publicitária do banco, eu ganhei o troféu “Osso de Ouro” e colocaram uma estátua minha na frente do banco com a descrição “Cãopeão” como homenagem a mim por ter ajudado a prevenir o assalto.

A proposta foi construir uma história criativa em que participassem três personagens: um cachorro sem rabo que nunca late; um padre com um guarda-chuva, vestido de preto; e uma ruiva de 1,80 m, modelo, de pernas longas, de voz fina e estridente. O texto deveria ser ambientado em um banco, num dia de verão quentíssimo, com o ar condicionado quebrado. O tempo: véspera de feriado nacional.

Bruna Machado Moraes - Professora de Língua Portuguesa – Ensino Médio

Contexto (35) 8828-0861



Curso G9

Av. Presidente Tancredo
de Almeida Neves, 45
Itajubá - MG

(35) **3623-1877**

www.curso-g9.com.br